

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 123 — Nº 2.112 — MARÇO 2005

Provações Coletivas

A prática da caridade, diante do sofrimento
humano, demonstra o progresso
moral da Humanidade

NESTA EDIÇÃO:

Deus e o Universo

Flagelos na visão espírita

Entrevista sobre o Direito à Vida

R\$ 4,00

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Março, 2005 / Nº 2.112



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN)
70830-030 — Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil
Assinatura anual R\$ 30,00
Número avulso R\$ 4,00
Para o Exterior
Assinatura anual US\$ 35,00
Econômico (via aérea)

Diretor — Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor — Altivo Ferreira; Redatores — Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária — Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente — Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 — I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro (RJ) — Brasil
Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: Agadyr Torres Pereira

Tema da Capa: **PROVAÇÕES COLETIVAS.** No sofrimento, os homens tornam-se mais solidários e melhores, praticando a legítima caridade.

EDITORIAL	4
Provações coletivas e a prática da caridade	
ENTREVISTA: ZALMINO ZIMMERMANN	15
Direito à vida é importante alcance da razão	
REFORMADOR DE ONTEM	18
Um Grande Desbravador — <i>Sylvio Brito Soares</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Bem-aventuranças — <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	30
Atualidade do ideário de Zamenhof — <i>Affonso Soares</i>	
Cursos na Sede Seccional da FEB em 2005	31
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	32
Tragédia no circo — <i>Irmão X</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
Deus e o Universo — <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Amor diante de relacionamento — <i>Joanna de Ângelis</i>	8
Onipresença do Amor — <i>Paulo Nunes Batista</i>	9
Na barriga de Jonas — <i>Richard Simonetti</i>	10
Buscadores de milagres — <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	11
Flagelos na visão espírita — <i>Antônio Carmo Rubatino</i>	12
Castro Alves — <i>Mário Frigéri</i>	14
Mocidade e velhice — <i>André Luiz</i>	20
Fé e conhecimento — <i>Humberto Schubert Coelho</i>	22
Mês Allan Kardec na Seccional da FEB no Rio	24
José Yosan dos Santos Fonseca	25
Consciência espírita — <i>Orson Peter Carrara</i>	26
Tua mensagem — <i>Emmanuel</i>	27
Reprodução e reencarnação — <i>Gil Restani de Andrade</i>	28
Expição — <i>Valentim Magalhães</i>	29
Retorno à Pátria Espiritual — <i>Octávio Velloso da Silva</i>	33
Em dia com o Espiritismo — IV — <i>Marta Antunes Moura</i>	34
Os maremotos na Ásia — <i>Celso Martins</i>	36
Educar com amor — <i>Rildo G. Mouta</i>	37
Repensando Kardec — Da Lei de Destruição —	38
<i>Inaldo Lacerda Lima</i>	

Editorial

Provações coletivas e a prática da caridade

Desde o início de seus estudos, que decorreram do seu contato com os fenômenos espíritos, Allan Kardec mostrou interesse pelas questões *“relativas aos acontecimentos capazes de acarretar uma transformação social”*.

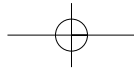
Em diálogo por ele mantido com o Espírito de Verdade, em 12 de maio de 1856*, este informava que a Terra já se encontrava no período em que se verificariam essas transformações, que seriam gradativamente preparadas por acontecimentos parciais. Consultado por Allan Kardec, observou: *“(...) não tendes que temer nem um dilúvio, nem o abrasamento do vosso planeta, nem outros fatos desse gênero, porquanto não se pode denominar cataclismos a perturbações locais que se têm produzido em todas as épocas. Apenas haverá um cataclismo de natureza moral, de que os homens serão os instrumentos.”*

Como se observa, o assunto relacionado com a fase de transição em que nos encontramos já vem sendo tratado há muito tempo. Estamos, realmente, no período de transformação da Terra, de Mundo de Expições e Provas – caracterizado pela manifestação do egoísmo, do orgulho e da violência humanos –, para Mundo de Regeneração, em que os homens, embora ainda longe da perfeição moral, estarão mais conscientes da sua condição de Espíritos imortais, perfectíveis, em processo de evolução e, conseqüentemente, mais dedicados ao seu próprio aperfeiçoamento moral e espiritual. Esta sim, como destaca o Espírito de Verdade, é a grande mudança que se opera no nosso planeta.

As perturbações físicas que acontecem na Terra, por certo continuarão ocorrendo, como sempre ocorreram, provocando provas coletivas ainda necessárias, submetendo os homens a provas e expiações indispensáveis ao processo de aprimoramento moral e de libertação espiritual a que estamos todos destinados.

O ser humano, todavia, diante dessas provas coletivas, já sente a necessidade de movimentar-se no sentido de auxiliar o próximo – individual e coletivamente – e atendê-lo em suas necessidades materiais, morais e espirituais. Estas são as manifestações de caridade e solidariedade que irão caracterizar o Mundo Novo que o homem está construindo, e que já começam a ser vivenciadas na fase de transição em que nos encontramos.

*Allan Kardec. *Obras Póstumas*. Segunda Parte – Acontecimentos – 12 de maio de 1856. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 279-280.



Deus e o Universo

Juvanir Borges de Souza

É de Allan Kardec essa observação judiciosa que ele coloca no final da “Introdução ao estudo da Doutrina Espírita”, essa peça monumental de *O Livro dos Espíritos* (Introdução, item XVII), que devemos ler e meditar muitas vezes, para o melhor entendimento de diversas questões doutrinárias:

“(…) Se se observa a série dos seres, descobre-se que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, alfa e ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar-se que no homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá (...)”

Esse pensamento límpido do Codificador, no qual sobressai uma inspiração superior, ao lado de seu bom senso, auxilia-nos a melhor compreender a resposta dada pelos Espíritos Instrutores a respeito de *Deus* e do *Infinito*, constantes das questões 1 e 2 de *O Livro dos Espíritos*.

No estágio evolutivo em que se encontra o homem na Terra e nas Esferas Espirituais que lhe são afins, não alcançou ele condições que lhe permitam compreender a natureza íntima do Criador do Universo.

É o inferior em evolução, que já ultrapassou muitos estágios da Criação, mas que ainda não atingiu as condições mínimas para entender plenamente o Criador, a causa primária de todas as coisas.

A Doutrina dos Espíritos, em consonância com a realidade dos seres que vivem na Terra, oferece aos homens uma idéia superior a respeito de Deus – a inteligência suprema –, sem desobediência aos desígnios eternos do Criador, tal como já havia feito Jesus, o Cristo, ao referir-se ao Ser Supremo como o Pai Nosso.

Hoje, longe dos aspectos confusos e das idéias estranhas apresentados pelas seitas e pelos teólogos de todos os tempos, o Espiritismo oferece aos homens noções seguras sobre Deus, através de suas obras, de suas criações que se desdobram infinitamente, e de suas leis, perfeitamente perceptíveis pelos habitantes deste orbe, sem a pretensão de desvendar-lhe a natureza íntima.

Para o entendimento do Criador, a Causa Primária de tudo o que existe, devemos observar suas obras, tanto na Terra quanto além, nos espaços infinitos, onde os bilhões de astros evoluem sem cessar.

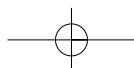
Então, ocorre-nos uma noção de grandeza infinita, na qual o mundo em que vivemos assemelha-se a uma pequenina esfera.

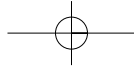
Na nossa fase evolutiva, habitantes de um mundo de expiações e provas, na classificação dos Espíritos Reveladores, não temos condições de conhecer integralmente a criação infinita, e muito menos o seu Criador. Podemos perceber apenas parte da obra de Deus e reconhecer que a Vida estua por toda parte, perceptível por nossos sentidos físicos, por nossas mentes e por nossa razão.

Mas estamos longe de uma percepção total.

Essa reflexão induz-nos à necessidade premente de cultivarmos a humildade, como base para a aquisição das outras virtudes, entre as quais o amor, como ensinou Jesus, a paciência e o bom senso, para evitarmos os arroubos do orgulho e da vaidade gerados pela ignorância humana.

Vemos com tristeza, como exemplo de ignorância arrogante, a hipótese formulada por cientistas dominados pelo materialismo, para explicar o início do Universo por uma formidável explosão de um núcleo, da qual se originaram os astros que o compõem. É o célebre *Big-Bang*, engendrado pela imaginação fantasiosa de pseudo-sábios, incapazes de conter a ânsia de ultrapassar as próprias limitações. ➤





Insistem os materialistas no raciocínio, que lhes parece lógico: se o mundo, o Universo, foi criado por Deus, quem criou Deus?

Diante de tal insensatez, fruto da ausência da humildade, tão necessária para o reconhecimento dos limites de nossas percepções e inteligência, resta-nos a esperança de que um dia, dentro da eternidade em que todos vivemos, teremos a oportunidade de reconhecer o *porquê* de nossas atuais limitações.

Tempo virá em que o ser humano, submetido à indefectível lei do progresso, que abrange todos os seres, já terá aprendido a conhecer-se a si mesmo e a discernir as leis que regem a tudo no Universo. Conhecendo-se a si mesmo, verificará que é um Espírito eterno, criado por Deus, que o ama, destinando-o a discernimento e poderes sempre maiores, em etapas sucessivas.

O materialismo, como outras aberrações do mundo em que vivemos, são frutos da ignorância, do atraso, do orgulho e do egoísmo de seus habitantes.

Mas o Cristo e a Espiritualidade Superior deixaram claro que cada um pode alcançar o *reino dos céus*, que começa no âmago de cada um, graças aos próprios esforços para o crescimento espiritual em conhecimentos e virtudes.

...

Por enquanto, a Terra tem sido um estágio dos mais baixos na escala dos mundos.

Desde a pré-história, passando pelos milênios da história do homem na Terra, seus habitantes, na sua imensa maioria, são Espíritos atrasados, imperfeitos, nos quais a

inteligência e a razão vão crescendo, através de vidas sucessivas. Mas esses Espíritos têm enorme dificuldade em aprimorar seus sentimentos.

Em decorrência dessa realidade, o Governador deste orbe, o Cristo de Deus, tem enviado missionários seus, no seio das diversas civilizações terrestres, com a incumbência de auxiliar seus habitantes na aquisição e no cultivo das virtudes.

Urge que se atente para as causas que detêm a Humanidade, há milênios, nos primórdios da evolução

Ele mesmo, o Cristo, esteve presente em pessoa, entre os homens, para ensinar-lhes o cultivo do Bem, sob a forma do Amor a Deus e aos semelhantes, da Compaixão, da Caridade, da Paciência, da Não-violência e de todas as qualificações que constituem o homem de bem.

Apesar desse amparo permanente, a história humana está sobrecarregada pela violência, pelas guerras sucessivas, pelo egoísmo individual e coletivo, pelos conflitos, pelos desentendimentos religiosos.

É a matéria sobressaindo sobre os interesses espirituais, sufocando

as aspirações e os ideais de fraternidade entre os indivíduos.

A preocupação materialista levou as populações à divisão entre os ricos e os pobres de bens materiais. Com o agravamento da pobreza, surge a miséria em bolsões que se espalham por toda parte, inclusive nos países denominados de primeiro mundo.

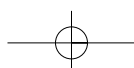
Torna-se evidente que, apesar dos esforços das instituições humanas bem dirigidas, dos governos bem-intencionados e das orientações superiores existentes no mundo, nosso *habitat* continua com as características de atraso e de imperfeição que sempre o marcaram.

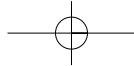
Já no início do 3º milênio da Era Cristã, com descobertas notáveis nos diversos setores científicos, que favorecem o conhecimento, a saúde, o estudo e o entretenimento saudável das populações, assistimos, estarrecidos, a guerras entre nações, movidas ora por interesses políticos de hegemonia, ora por preconceitos religiosos irreconciliáveis com o bom senso.

Essa triste realidade demonstra que o nosso mundo continua atrasado, com predominância do materialismo, da ignorância e do egoísmo, apesar dos avanços e conquistas realizadas.

Urge, pois, que se atente para as causas que detêm a Humanidade, há milênios, nos primórdios da evolução.

Se o homem continua rebelde, egoísta e ignorante das coisas primaciais que lhe dizem respeito, torna-se necessário que ele mude sua própria visão e concepção da vida.





Sua educação intelecto-moral constitui a base sobre a qual construirá sua transformação para melhor, no atendimento natural à lei de evolução.

Os princípios educacionais para essa transformação gradativa já se encontram no mundo.

Os conhecimentos sobre tudo o que diz respeito à matéria, a partir de tudo o que existe na Terra e além dela, as ciências vão desenvolvendo e retificando dia a dia. A Tecnologia, aplicando esses princípios, torna a vida material cada vez melhor para a população.

No que concerne à educação e reeducação moral, os fundamentos básicos já se encontram também no mundo, mas sua aceitação, dependendo do livre-arbítrio, do convencimento, da razão e do esforço de cada indivíduo, sua implantação torna-se muito mais difícil.

Daí o atraso moral deste orbe, apesar das religiões milenares, que se caracterizam por divulgar princípios ético-morais bons, ao lado de enganos e erros evidentes. O resultado final é a indiferença dos homens, o materialismo multifário, os conflitos, as guerras e as perseguições, tudo em nome de um Deus, de um profeta, ou de uma obra sagrada que lhes serve de base.

Entretanto, há 2.000 anos, o Governador Espiritual da Terra já deixara sua Mensagem aos habitantes do planeta, contendo as retificações necessárias ao entendimento das Leis divinas e enfatizando a necessidade do Amor Soberano ao Pai e ao próximo, como o fundamento básico para o desenvolvimento moral de cada ser humano.

“Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas cumpri-los:”

E ainda, conhecendo as dificuldades humanas na assimilação e na prática vivencial da Mensagem intemporal que deixou à Humanidade, prometeu que, no tempo certo, enviaria outro Consolador para relembrar seus ensinamentos e revelar coisas novas.

Essa promessa foi cumprida, nos meados do século XIX, com a Nova Revelação, o Consolador que está no mundo.

Portanto, a reeducação moral do homem não é impossível, como julgavam os pessimistas, diante das dificuldades existentes e da rebeldia da maioria da Humanidade.

Os dolorosos quadros atual e do passado da vivência do homem na Terra podem ser modificados e revertidos no futuro, desde que, ao lado dos conhecimentos já difundidos e que devem ser proporcionados às novas gerações, sejam divulgados profusamente, até serem assimilados e vivenciados, os princípios morais deixados pelo Cristo, relembrados e ampliados pelo Consolador.

Esse é o caminho, essa é a esperança manifestada pela Espiritualidade Superior. É uma estrada estreita e difícil para a regeneração de bilhões de criaturas. Mas não há outra, já que os desígnios de Deus e de suas leis eternas e imutáveis estabelecem em definitivo o sentido do bem a que todas as criaturas se subordinam.

Reverter o quadro atual da vida humana na Terra corresponde a adotar, como alvo de cada ser,

seu aperfeiçoamento intelectual e moral, através da educação integral.

Para tanto, os métodos utilizados precisarão levar a cada indivíduo, de qualquer meio social, os conhecimentos já alcançados, tanto referentes às coisas materiais quanto às espirituais. Todos esses conhecimentos já se encontram no mundo, sintetizados nas ciências, no Evangelho do Cristo e no Consolador – o Espiritismo.

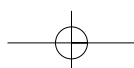
Esses valores visam conscientizar cada Espírito reencarnado pelo que pensa e pelo que faz, demonstrando-lhe:

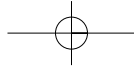
I – que está subordinado às leis divinas do Amor e da Justiça, de sorte que cada qual recebe de volta as conseqüências de seus próprios atos, no Bem ou no Mal;

II – a necessidade de conhecer-se a si mesmo, como Espírito eterno, que renasce muitas vezes na Terra e em outros mundos, enquanto não atinge determinado nível intelecto-moral;

III – que a lei do progresso atinge a todos, mas é necessário que cada qual faça a parte que lhe compete;

IV – que o materialismo é o maior inimigo do ser humano, por iludi-lo na escolha dos objetivos a serem alcançados e por considerar a matéria como o único elemento universal, com grave prejuízo para os interesses do Espírito imortal. ■





Amor diante de relacionamento

O amor é fonte inexaurível de bênçãos e medicamento eficaz para curar as feridas do sentimento.

Quanto mais se expande no coração, mais concessões de alegria e de felicidade proporciona.

Depositário de força incommum, arrasta outras vidas que estavam para sucumbir, na direção dos altos cimos da esperança e da paz.

Fluxo contínuo de energia instalado no indivíduo, enriquece-o de coragem e valor para os empreendimentos mais difíceis que executa com prazer.

É o mais vigoroso elo de sustentação dos relacionamentos humanos, especialmente quando sustentado pela generosidade que mantém vivos os ideais de enobrecimento.

Não se entorpece quando surgem dificuldades, nem desiste de lutar se enfrenta desafios que devem ser superados.

Ocorre, no entanto, que as heranças psicológicas humanas, nem sempre felizes quando se referem ao amor, estabelecem parâmetros para que viceje ditoso, e porque destituídos de legitimidade produzem desencantos e sofrimentos.

Nos relacionamentos familiares, o comportamento de pais castroadores ou possessivos, negligentes

ou manipuladores, marcam de tal forma o sentimento do amor, que aqueles que o experimentaram nessa condição armam-se para evitá-lo ou negam-se a dar-se-lhe, receando tornar-se vítimas novamente.

Em outras ocasiões, a confusão dos sentimentos que decorre da incompreensão do seu conteúdo, confundido com desejos sexuais e arbitrárias dominações, leva a uma total distorção dos seus elementos constitutivos, gerando reações que não lhe correspondem à realidade.

Insegurança e instabilidade emocional apresentam-se como necessitadas de amor, quando em realidade precisam mais de terapia do que de envoltórios afetivos, a fim de que não descarreguem noutrem os conflitos que não foram resolvidos, gerando agressividade e cobrança.

Não raro, o desconhecimento do amor e da sua finalidade na existência humana induz a comportamentos esdrúxulos, nos quais a segurança da afetividade está na programação da sua perenidade.

É comum viver-se o presente, pensando-se no futuro, desejando-se que nunca sofra modificação, como se a vida fosse constituída de mesmismos e repetições de sentimentos da mesma qualidade.

Noutras vezes, as lembranças do que já se fruiu estabelecem falsas necessidades para que novamente se repitam, tornando o presente um campo de batalha em contínuo combate.

O hoje não pode ser como o ontem e certamente não será igual ao amanhã. Cada época é portadora das suas específicas manifestações, expressando fatores próprios que a caracterizam.

O amor somente é válido, quando vivido no momento, conforme se apresenta, sem saudades do pretérito nem ansiedades pelo porvir.

...

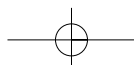
Decorrendo do egoísmo que predomina em a natureza humana, sempre se pensa em utilizar o amor como meio para reter aqueles que devem avançar, cortando-lhes as asas do progresso, fixando-os na retaguarda aprisionados no cárcere estreito da paixão que lhes é dirigida.

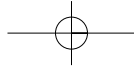
O amor não encarcera, e felicita-se sempre quando liberta.

Pode ser dolorosa uma separação, uma ruptura de relacionamento por um ou outro motivo. No entanto, mais grave é permanecer exigindo que o outro perca o seu direito à felicidade dentro dos seus padrões, a fim de tornar vitorioso aquele que se lhe agarra sem nenhum respeito, fixado em conflitos de posse e de insegurança.

O amor não retém e sempre é favorável ao progresso daquele a quem se dedica.

Se alguém não pode mais ficar vinculado a outro coração, é necessário que siga adiante, levando as lembranças felizes, enriquecido de gratidão por tudo quanto viven-





ciou, continuando o relacionamento agora sob outra condição.

O relacionamento feliz não é aquele no qual, necessariamente, existe intercâmbio de natureza sexual. Embora esse impositivo ocorra amiúde e auxilie na plenificação dos sentimentos, tem um caráter relativo, nunca absoluto entre os indivíduos.

O verdadeiro amor é amplo e generoso, jamais se tornando mesquinho e exigente, como se fora constituído de paixão asselvajada.

Quando alguém segue em frente, não deixa atrás quem o ama, que também deve avançar. Somente amplia o laço da afetividade que ora se distende no rumo do infinito.

E quando se trata da ruptura da afetividade, por certo foi chegando o momento de assim acontecer, não devendo produzir dilaceração

no sentimento, nem deixar uma herança de ressentimentos.

Toda vez que alguém se apresenta ressentido pelo amor não correspondido, é porque pretendia negociar o sentimento – “eu te amo, a fim de que me ames”. Essa é uma atitude incorreta, que não encontra respaldo no amor.

Pode-se amar a alguém e não sentir atração de natureza sexual, demonstrando que não se ama a uma parte da pessoa, mas a ela, em si mesma, de forma total, sem especificidade.

A permanente idéia de que o amor deve ter sempre um conteúdo erótico dele faz um tormento, porque sendo um sentimento superior da vida, é abrangente e felicitador, nunca produzindo aflição.

Quando ele parece ter gerado desencanto e decepção, é porque

não foi realmente vivenciado conforme deveria. Quem assim se sente, desprestigiado e infeliz, por não haver recebido o correspondente ao que pensava e pelo que lutava, em verdade não estabeleceu um vínculo de amor profundo, mas transferiu para o outro os seus desejos não realizados, as suas ambições não vividas.

O amor irradia paz e sempre gera satisfação física, emocional e psíquica.

Arrebata o ser às culminâncias dos ideais, fortalece-o nas lutas que deverá travar até alcançar a sua meta, alegra-o nos momentos de solidão e permanece como um Sol brilhando adiante, belo e atraente, que ilumina e aquece também internamente.

O amor é o mais vigoroso sustentáculo que se conhece para a manutenção da vida humana.

...

Quando Jesus recomendou o amor como condição essencial para a felicidade humana, estabeleceu que era necessário torná-lo amplo e irrestrito, de forma que se iniciasse em cada um, se agigantasse até o seu próximo e rumasse na direção de Deus.

Esse é o amor incondicional, sem limite, libertador.

Quanto mais se ama, tanto mais se é ditoso.

O amor, portanto, abarca todas as aspirações da criatura inteligente que um dia se lhe renderá totalmente feliz.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no dia 9 de setembro de 2004, em Salvador, Bahia.)

Onipresença do Amor

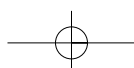
Paulo Nunes Batista

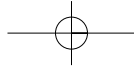
No Amor não pode haver neutralidade:
Ou se ama de verdade, ou se desama.
O Amor de nós exige e nos reclama
provas sinceras de autenticidade.

Amor não há se existe falsidade.
Há de sentir-se bem aquele que ama.
Sendo da chama a própria claridade,
como afastar da claridade a chama?

O Amor todo se dá, nem poderia
amar – quem sentimentos negocia
ou visa lucros, de que forma for...

Amor é como o Sol, que serve a todo
o Cosmo, desde o azul ao ser do lodo,
na Onipresença divinal do Amor.





Na barriga de Jonas

Richard Simonetti

Conversam dois amigos. Um, crente; outro, livre-pensador. – O texto bíblico exprime a realidade?

– Claro! É a palavra de Deus! O Criador não fantasia nem mente jamais!

– Você acredita que o profeta Jonas tenha passado três dias na barriga de um peixe, dela saindo incólume?

– Claro! E digo mais: se ao invés de Jonas passar três dias na barriga de um peixe, a Bíblia dissesse que um peixe passou três dias na barriga de Jonas, não duvidaria!

– É um absurdo!

– Para você, que ainda não entendeu o elementar: o que está na Bíblia é a expressão da verdade!

...

Multidões endossariam essa idéia.

Há nela um misto de ingenuidade e condicionamento, ingredientes da fé cega.

Quando não nos dispomos a questionar o conhecimento religioso, favorecemos a fantasia, que tantos males têm causado à Humanidade.

Supor que o Velho Testamento, na Bíblia, é a história da Humanidade, quando se trata apenas

da biografia fragmentada e não raro fantasiosa do povo judeu, é uma das mais lamentáveis distorções do pensamento religioso.

Infelizmente, essa idéia costuma contaminar até mesmo pessoas dotadas de cultura que, teoricamente, deveriam saber distinguir *o joio do trigo*.

Nos Estados Unidos, em algumas regiões, defensores do Criacionismo conseguiram impor, por medidas judiciais, que a idéia de que tudo começou com Adão e Eva seja ensinada nas escolas.

Uma fantasia contrapondo-se à racionalidade da teoria evolucionista de Darwin, suficientemente estudada, testada e reconhecida pela comunidade científica.

Podemos, até sob o ponto de vista espírita, questionar os detalhes apresentados por Darwin, como a idéia da seleção natural, envolvendo a sobrevivência dos mais fortes. Sabemos que não foi bem assim, já que houve um direcionamento por parte dos poderes que nos governam. A evolução não foi aleatória. Nada aconteceu por acaso.

Mas não há nenhuma dúvida de que o aparecimento do homem na Terra foi a culminância de um processo evolutivo que começou há bilhões de anos, com organismos unicelulares. Nisso Darwin estava absolutamente certo, e sem dispensar a idéia da Criação. Esta não aconteceu por passe de mágica, como está na Bíblia, mas pela

elaboração das formas e dos organismos, na Oficina Divina, a Natureza, ao longo de milhões de anos, com o concurso de prepostos do Criador.

...

Tudo muda de figura quando nos dispomos a considerar determinadas passagens do Velho Testamento como alegorias.

Aí sim, podemos tirar delas valiosos ensinamentos.

Exemplo típico está no próprio Jonas, um dos profetas bíblicos, que teria sido galileu, como Jesus, nascido em Gate-Hefer, perto de Nazaré, no século VIII a.C.

Na alegoria bíblica, Jonas recebeu uma missão de Jeová: deveria ir a Nínive, capital da Assíria, às margens do rio Tigre, cidade grande para os padrões da época, com uma população de aproximadamente cento e vinte mil habitantes.

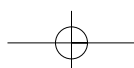
A devassidão ali imperava. Competia ao profeta alertar os habitantes para que mudassem o comportamento ou a cidade seria destruída.

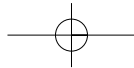
Ele não gostou da idéia. Então Jeová o fez ser engolido por um peixe. Ficou três dias dentro dele.

Quando se dispôs a cumprir a determinação divina, o peixe o deixou às margens de Nínive.

Alegoria perfeita envolvendo uma situação frequente.

Costuma-se dizer em relação às atividades religiosas:





Quem não vem pelo amor, vem pela dor.

É altamente salutar, em favor da economia espiritual, passar algum tempo “engolidos por um peixe”, a simbolizar problemas, dificuldades, perturbações, enfermidades...

Conheço confrades, dentre os quais me incluo, que se iniciaram no Espiritismo atendendo ao convite da Dor, aprisionados em suas entranhas até que se decidissem a assumir a grandiosa missão de superar a indiferença, abraçando os compromissos de renovação e tra-

balho que todos assumimos ao reencarnar.

...

À semelhança da experiência de Jonas, temos no Velho Testamento muitas passagens que ensinam preciosas reflexões, competindo-nos apenas o cuidado elementar de não levar nada “ao pé da letra”, atendendo à observação sempre atual de Kardec:

Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade. ■

Buscadores de milagres

Mauro Paiva Fonseca

Encontramos, freqüentemente, nos Centros Espíritas, corações aflitos em busca de soluções para os problemas angustiantes que os infelicizam. A grande maioria, no entanto, pretende que num instante os sofrimentos desapareçam, esquecidos de que as mensagens do Cristo sempre enfatizam o esforço próprio como fator preponderante na consecução daquele objetivo. Grande parte dos consulentes, sentindo-se aliviada, imagina estar curada e não retorna ao Centro.

Ensinando-nos que “a cada um conforme suas obras”, o Mestre está a nos dizer que o quinhão de felicidade e paz que acontece na vida das criaturas será sempre proporcional aos esforços que empreenda na busca do aperfeiçoamento espiritual, moral e intelectual em que se empenhe. Complementando este ensino, Jesus adverte: “Faz por ti que o céu te ajudará.” Como esta-

mos permanentemente sob o olhar compassivo e protetor dos Espíritos Superiores, incumbidos de orientar nossos caminhos, na medida em que percebem os esforços com que nos aplicamos para melhorar, eles se aproximam de nós para oferecer, através da inspiração, ou da ajuda direta, os meios de solucionarmos os aflitivos problemas da existência.

Muitos dos que comparecem à Casa Espírita imaginam que os médiuns têm poder de afastar os males do nosso caminho; males que nós próprios criamos alhures, no passado ou no presente, quando desprezamos todas as orientações ditas pelo bom senso, a razão e a lógica.

Através da psicofonia, os trabalhadores do socorro espiritual poderão trazer ao diálogo libertador Espíritos que estejam atuando sobre o paciente, ainda presos à inferioridade e ao mal, para exortá-los ao caminho do bem, libertando o encarnado de suas más influências.

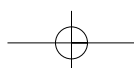
Com aplicação de passes magnéticos, de prática usual nos Centros Espíritas, as condições vibratórias do encarnado poderão ser modificadas, trazendo-lhe alívio e euforia. Entretanto, estes recursos serão de efeito temporário, caso o necessitado não os respalde com uma conduta adequada à ajuda recebida.

Considerando que somos os autores de nossa ventura ou desventura, não será coerente buscarmos soluções milagrosas para os aflitivos problemas da vida, sem participar com o esforço e a boa vontade, na erradicação deles.

Antes de procurarmos o socorro dos Espíritos benfeitores na solução de nossos problemas, devemos elevar nossa conduta cristã ao nível da súplica a eles endereçada, para demonstrar-lhes que não estamos pretendendo conseguir soluções milagrosas, e imerecidas, mas o alívio justo, ante os esforços a que nos consagramos.

O Evangelho de Jesus, conhecido e praticado em espírito e verdade, contém as soluções para todas as dificuldades que ponteiavam a vida dos homens, mas ele jamais faz qualquer referência à existência de “milagres” como recurso para cura das enfermidades do corpo e da alma. Por isso, freqüentemos os Centros Espíritas sim, mas de preferência na busca de orientações que nos possam guiar num caminho sem urzes ou pedrouços, conquistando com elas a almejada felicidade e paz.

O Centro Espírita nos esclarece sobre as origens dos males que nos afligem, oferecendo-nos o remédio para suprimi-los. Se nos negamos a tomá-lo, de que adiantará termos ido em sua busca? ■



Flagelos na visão espírita

Antônio Carmo Rubatino

A Humanidade se comove e se mobiliza diante da turbulência das águas do Oceano Índico, agitadas por um tremor de terra que teve, dia 26 de dezembro, seu epicentro em águas próximas da ilha indonésia de Sumatra.

“O terremoto e maremoto que atingiram o sudeste da Ásia pela madrugada deixaram 150 mil mortos* no Sri Lanka, Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia, ilhas Maldivas e Mianmar, segundo informações divulgadas pelas agências de notícias. Até a Somália, distante 4.800km do epicentro do tremor, sentiu os efeitos do fenômeno.

O tremor, de 9 graus na escala Richter, o mais forte registrado nos últimos 40 anos, provocou ondas de até dez metros de altura e diversos tsunamis, tipo especial de onda oceânica, gerada por distúrbios sísmicos, que possui alto poder destrutivo quando chega à região costeira.

Segundo o Centro de Pesquisa Geológica dos Estados Unidos, o terremoto foi o quinto maior já registrado desde 1900 e o maior desde o tremor de 9,2 graus na escala

Richter que atingiu o Estado do Alasca em 1964. O foco do tremor foi localizado a 40km de profundidade, na costa oeste da ilha de Sumatra, a 1.620km da capital da Indonésia, Jacarta.

As ondas causadas pelo terremoto se propagaram pelo oceano Índico e pelo mar de Andaman [entre Índia e Tailândia] e chegaram a dez

se” para ajudar os milhares de turistas que passaram o Natal na região.

A carioca Lyz Amayo de Benedek D’Avola, que mora na capital da Tailândia, Bangkok, e seu filho morreram na ilha de Phi Phi, onde foi rodado o filme ‘A Praia’, com Leonardo DiCaprio. Ela trabalhava na Embaixada do Brasil na Tailândia. A informação foi divulgada pelo governo tailandês, e foi confirmada pelo Itamaraty”¹.

...

Pasma ao homem moderno que o monumental sinistro possa intervir de maneira tão avassaladora, e os materialistas reforçam a teoria de que tudo tem uma origem física e que Deus é uma utópica fantasia na mente alienada de pessoas insensatas de raciocínio embotado pelo ópio da fé.

As diferentes crenças religiosas oscilam com fragilidade diante do tema, evitando analisá-lo mais diretamente porque têm universo filosófico de observação reduzido, valendo-se de uma fé cega como instrumento de aceitação, mesmo sem conseguir compreender.

Entre os espíritas, o episódico fato enseja extensa gama de observações, levando a lógicas e pedagógicas reflexões.

Primeira grande observação: Quanto à fé raciocinada: sabemos

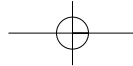


metros de altura. Milhares de pessoas arrastadas pelas águas ou que estavam no mar desapareceram.

Vilarejos de pescadores, hotéis, casas e carros foram varridos pelas ondas, causadas pelo forte terremoto, segundo fontes oficiais ouvidas pela agência de notícias Associated Press (AP).

Muitos estrangeiros pereceram na catástrofe e vários países ocidentais, como França, Alemanha e Inglaterra, instalaram “células de cri-

*N.R. Mais de 225 mil mortos, segundo as informações mais recentes.



que o acaso não existe e que o homem passa pelas experiências que contribuem para o seu progresso pessoal, embora aparentemente catastróficas, injustas ou incompreensíveis diante do que seria de esperar-se da generosidade de Deus.

Senão vejamos quanto ao que nos orienta o livro básico da filosofia espírita²:

Flagelos destruidores

737. *Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores?*

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciais; daí vem que os qualificaís de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são freqüentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.”

738. *Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?*

“Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.”

Segunda grande observação: A ocorrência mobilizou a solidariedade internacional, desviando as atenções dos conflitos políticos e religiosos que têm assolado a geração atual. Viu-se que a maioria das nações tocaram-se e, prontamente, abraçaram a causa da solidariedade. Às vezes, só percebemos o chamado do Senhor quando a dor bate à nossa porta ou à porta do nosso vizinho mais próximo.

“Um avião israelense, pela primeira vez na história, pousou no maior país muçulmano do mundo, a Indonésia, com o qual não mantém relações diplomáticas.

A carga foi conseguida por meio de uma grande campanha de ajuda humanitária promovida pelo jornal ‘Yediot Aharonot’, o de maior circulação nacional, e a entidade Força para Doar. Uma equipe de 15 voluntários, sendo oito do Magen David Adom – similar à Cruz Vermelha –, viajou para acompanhar e ajudar na distribuição da carga. Fontes diplomáticas israelenses que negociaram de forma secreta a entrega da carga na Indonésia avaliam que esta operação poderá incrementar as relações entre os dois países.”

“O ministro das Relações Exteriores da Indonésia, Hassan Wirajuda, disse que está em vigor ‘um acordo de cavalheiros’ para suspender o conflito em Aceh enquanto estiver em andamento trabalho de socorro às vítimas do tsunami.”¹

Vale perguntar: teríamos que ver prolongado o sofrimento para a continuidade das tréguas ser assegurada? Somos vítimas de nós mesmos. Causadores de nossos infortúnios que se removem quando mudamos, adotando novos padrões

mais voltados para o amor universal.

A própria Terra do Cruzeiro, Pátria do Evangelho, com o seu polígono das secas, as caatingas hiperxerófilas, o semi-árido nordestino, mesmo sem ter sobras generosas e apesar de possuir comunidades sofredas, enviou com ardor fraternas colaborações.

Terceira grande observação: Um terceiro grande aprendizado expressa-se nas entranhas da ocorrência.

O casal brasileiro, Paulo Antunes Neto e Daniele, que se encontrava na área afetada, por estar embaixo d’água, mergulhando, não foi levado pelas ondas devastadoras.

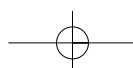
Outro caso inédito ocorreu com um bebê de 20 dias que dormia quando o maremoto atingiu no domingo a ilha de Penang, na Malásia. Conseguiu sobreviver graças a um colchão flutuante. Ou, ainda, um garoto que foi encontrado boiando, apoiado num galho de árvore.

Já uma brasileira, conselheira na Embaixada do Brasil na Tailândia, e o seu filho de dez anos “morreram” na seqüência dos maremotos que assolaram o sudeste asiático.

Por que nem todos foram arrastados pela avalanche de água que primeiro se afastou da praia para logo depois invadir o continente impetuosamente?

Sorte, privilégio, ventura, beneplácito? Sabemos, com convicção, que não, embora nossos horizontes de observação sejam limitados e não nos favoreçam todas as perspectivas e compreensão.

Também no Brasil ocorrem fatos que nos levam a refletir com o



sofrimento. No ano de 1974, em 1º de fevereiro, em São Paulo, ocorre o incêndio do Edifício Joelma, de 23 andares, e 189 pessoas perecem, apesar dos esforços do Corpo de Bombeiros, que envia ao local 26 viaturas e 318 bombeiros.

Em Niterói (RJ), no dia 17 de dezembro de 1961, acontece trágico incêndio num circo repleto de crianças e adultos que procuravam distração e alegria, com palhaços, trapezistas, malabaristas e domadores de animais. Destruidor incêndio em poucos minutos fere e suprime a vida física de centenas de pessoas, sufocadas pela fumaça e queimadas pelo fogo, atropeladas pela multidão desesperada. Esse acontecido, que encheu de comoção o povo brasileiro, teve da Espiritualidade radioso esclarecimento, como se pode constatar na literatura mediúnica do Espírito Humberto de Campos³. [Ver p. 32-33]

...

Acaso? Fatalidade? Determinismo? O que está na raiz das grandes provações coletivas, das grandes expiações de massa?

Para os que crêem num Ser superior que a tudo criou, com certeza, não!

Para os que têm a crença: por que então Deus permite esses infaustos que derramam tantas lágrimas, espalham sofrimento e deixam marcas prolongadas?

Kardec lança luz ao assunto, quando coloca:

“Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por

exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir (...).”⁴

.....
“(...) a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado.”⁵

Estamos a caminho, na trilha da evolução, vivendo e aprendendo. E das piores situações sempre se tira grande aprendizado. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹Folha *ONLINE*.

²KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, Parte 3ª, cap. VI, questões 737 e 738.

³XAVIER, Francisco C. *Cartas e Crônicas*, pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, cap. 6.

⁴KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 5, item 6.

⁵*Idem, ibidem*, item 9.

Castro Alves

Mário Frigéri

*“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,*

.....
*Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!”
Castro Alves**

De Cabaceiras para a Humanidade,
Riscaste o céu como cometa errante,
Iluminando, em íris de gigante,
A rota augusta e sã da Liberdade!

Abolição! Teu canto, com brasume,
Incandescendo corações e mentes,
Fez estalar as sórdidas correntes
E ungiu as fronteiras livres com perfume!

Hoje, porém – Poeta das alturas! –,
Níveo pendão desvelas às criaturas,
No qual se lê: *Deus, Cristo e Caridade*.

Teu novo brado é só sublimidade:
– Brasil! desfralda este pendão bendito!
– Kardec! abre as portas do Infinito!

*Poema “O Navio Negreiro”.

ENTREVISTA: ZALMINO ZIMMERMANN

Direito à vida é importante alcance da razão

O Presidente da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), Zalmino Zimmermann, apresenta a visão espírita e jurídica sobre anencéfalo, aborto e o direito à vida

P. – Qual a visão espírita sobre os preceitos constitucionais com relação ao direito à vida?

Zalmino – As Constituições de todos os países do mundo civilizado proclamam o direito à vida como direito fundamental. Por isso mesmo, o direito à vida insere-se na categoria dos direitos supra-estatais. Não existe conforme pode querer a Lei; existe a despeito das leis que o pretendem modificar ou conceituar. O nosso texto constitucional (art. 5º) consagra a inviolabilidade do direito à vida. É que o direito à vida é a fonte primeira de todos os demais direitos. Conteúdos do seu conceito dizem, especialmente, com o direito à existência e o direito à dignidade da pessoa humana, a envolver, entre outros, o direito à integridade físico-corporal.

A vida, pois, é um bem que a Constituição se obriga a manter e proteger, de forma que não sofra violação. O comando constitucional é abrangente; *todos*, indistintamente, possuem esse direito. E o conceito de vida, compreendido em sua plenitude, diz não só com a vida humana independente, mas com



Zalmino Zimmermann

a vida humana intra-uterina. Daí a obrigatoriedade do Estado à plena tutela do direito à vida do não-nascido.

Assim, o direito à vida é tutelado pela Constituição e a vida em si – incluindo-se a vida intra-uterina – é amparada pelo Direito Penal, como o bem jurídico mais relevante. A vida do feto e após seu nascimento são dimensões do conceito total de vida e as agressões, os agravos dirigidos contra esse bem jurídico especialmente protegido, não importando se no interior ou fora do útero da gestante, corporificam condutas antijurídicas.

O aborto (feticídio), o infanticídio e o homicídio configuram le-

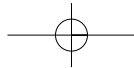
sões contra a vida, em momentos diversos de seu desenvolvimento, a atraírem a inevitável resposta punitiva do Estado.

Aborto, pois, é crime, ainda que, às vezes, seus autores possam deixar de ser punidos, como nos casos previstos no art. 128 e incisos do Diploma Penal (eminente perigo de vida da gestante e estupro).

À luz do Espiritismo, a garantia constitucional ao direito à vida valoriza-se como dos mais importantes alcances da razão. É que só a proteção à vida do ser biológico, em todas as suas fases, condiz com a imperiosa necessidade do Espírito de crescer com apoio no processo de reencarnação.

P. – A Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas tem agido para informar ou esclarecer os profissionais da área sobre suas posições doutrinárias?

Zalmino – A ABRAME, constituída em outubro de 1999, em Brasília, busca reunir a magistratura espírita brasileira em torno do ideal de espiritualizar o Direito e a Justiça, de conscientizar seus agentes da realidade espiritual, interexistencial e multiexistencial do ser hu-



mano e do significado do viver ético para sua evolução.

Trata-se de um projeto de evidente alcance social, pois que, dirigido aos magistrados, afeta, na verdade, a sociedade como um todo, uma vez que sua atividade condiz com a própria estabilidade da Ordem Jurídica. Obviamente, por sua abrangência multidimensional, desenvolver-se-á e frutificará plenamente ao longo do tempo, mas o já alcançado em sua curta existência dá mostra do superior comando espiritual que o sustenta.

Em todo o Brasil – a ABRAME conta com centenas de associados e com Delegacias em 25 Estados –, desenvolve programas de estudo e divulgação doutrinária, com a participação, no caso, de conferencistas espíritas. Na maioria dos Estados, as reuniões periódicas de estudo e as conferências, dirigidas a todos os operadores do Direito, acontecem em recintos forenses ou em Associações de Magistrados.

A par dessas atividades, a ABRAME tem marcado significativa presença em Congressos Jurídicos nacionais e Faculdades de Direito, tendo já promovido dois Encontros Regionais e dois Encontros Nacionais, o primeiro destes, em Brasília, em 2000, no auditório do próprio Superior Tribunal de Justiça, e o segundo, em Belo Horizonte, em 2003, no Fórum Lafayette. O Terceiro Encontro Nacional dos Magistrados Espíritas ocorrerá este ano em Goiânia, de 7 a 10 de setembro, com instalação prevista no auditório do Tribunal de Justiça de Goiás.

P. – A recente polêmica sobre os anencéfalos conta com a participação da ABRAME?

Zalmino – Obviamente, a ABRAME não poderia omitir-se em tema de tal gravidade. Por isso, tem estado atenta a todos os movimentos dirigidos à liberalização do aborto, que, como lembrado por Francisco C. Xavier, sem dúvida, importará pesado ônus cármico para a sociedade brasileira.

No tocante à questão dos anencéfalos, a ABRAME tem procurado deixar bem claro, junto a seus associados, a posição espírita a esse respeito, alertando os magistrados sobre as conseqüências espirituais que a concessão da licença para interrupção da gravidez pode acarretar.

Compreende-se que não seja fácil, para quem não é espírita, ou que não conheça melhor o proces-

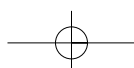
so de reencarnação, entender a importância da gestação completa do anencéfalo, mas a ABRAME, desde sua fundação, como dito, tem buscado esclarecer os magistrados e demais operadores do Direito sobre a realidade multiexistencial, ou seja, que o ser humano progride através das experiências que as múltiplas existências físicas lhe propiciam, que todo Espírito desencarnado tem o sagrado direito de renascer e que a interrupção premeditada do processo da reencarnação, sejam quais forem as circunstâncias – e que não digam com o perigo de a gestante perder a vida – implica em verdadeiro crime de lesa-evolução.

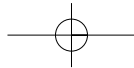
Trata-se, sim, de uma nova visão, mais racional – e o Espiritismo a possibilita – do Direito e da Justiça, cuja missão fundamental é proteger a dignidade do cidadão encarnado ou reencarnante, que este, desde os primeiros momentos embrionários, como comprova a Ciência, já é uma individualidade diferente da pessoa da mãe, com um programa próprio a ser cumprido.

P. – Qual a interpretação que a ABRAME faz da Constituição com relação a eventuais alterações sobre a liberação do aborto?

Zalmino – A nossa Carta Constitucional, como já expressei, estabelece que o direito à vida é inviolável. Não obstante, tramitam no Congresso vários projetos visando ampliar o elenco dos casos em que a prática abortiva deixa de ser punida (art. 128, C. Penal). O Governo, por intermédio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, organiza uma comissão para discutir e propor uma revisão da legislação que trata do aborto no País

A interrupção premeditada do processo da reencarnação, sejam quais forem as circunstâncias — e que não digam com o perigo de a gestante perder a vida — implica em verdadeiro crime de lesa-evolução





e o próprio Judiciário, embora as inúmeras posições em contrário, tem autorizado, em certos casos, a interrupção artificial da gravidez (“antecipação terapêutica do parto”).

Ora, diante do princípio da inviolabilidade da vida, nenhuma lei ordinária, certamente, pode abrir exceção a um preceito constitucional fundamental. Só a Constituição pode estabelecer exceção aos seus preceitos, ou autorizar o legislador a fazê-lo. Como, então, supor que o legislador possa autorizar, tornar lícita, a morte da pessoa por renascer? Assim, qualquer Lei que liberasse o aborto, descriminalizando-o, compareceria como inconstitucional.

Sustenta-se, contudo, que as propostas em tramitação nas casas legislativas apenas amplia o rol dos casos em que a pena deixa de ser aplicada (art. 128, CP); não têm o sentido de descriminalizar o abortamento, mas sim de despenalizá-lo. Assim, permaneceria o caráter delituoso do fato; o aborto, embora sem pena, não deixaria de ser crime, de sorte que não haveria inconstitucionalidade a ser suscitada. Como se vê, o assunto, do ponto de vista jurídico, comporta longa discussão, mas o importante é que, diante da visão materialista que, infelizmente, ainda predomina, estejamos atentos para o que ocorre, na atualidade, empenhando-nos ao máximo, a começar pelas vias de informação, no sentido de evitar que alguma novidade jurídica possa dificultar o retorno da pessoa desencarnada à aprendizagem que a existência física proporciona. Afinal, trata-se do nosso próprio futuro.

P. – Como analisa, do ponto de vista jurídico-espírita, o propalado “direito da mulher” na questão do aborto?

Zalmino – Em meio às perplexidades que atualmente espantam o mundo, assiste-se agora, refletindo a cultura da violência que se implanta, sorrateiramente, em certas sociedades, a um movimento feminino que, com base num estranho conceito de liberdade individual, labora contra o primeiro e fundamental direito à vida. Referimo-nos às campanhas promovidas por mulheres de vários países – justamente as guardiãs da vida –, propugnando pela plena liberalização do aborto.

É possível pensar em algumas linhas gerais de ação, que envolvam, além do esclarecimento, amparo direto às gestantes

Do ponto de vista jurídico, no Brasil, como visto, tal pretensão colide com o mandamento constitucional. O aborto é crime.

Do ponto de vista espírita, resta apenas lamentar que a triste ignorância em relação à própria realidade espiritual leve a essas ações de alto compromisso perante a Lei da Causalidade Espiritual, a atraírem, como se sabe, os mais nefastos efeitos.

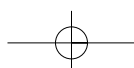
P. – Teria alguma sugestão aos Centros Espíritas para ações de esclarecimento sobre o aborto?

Zalmino – Em qualquer programa dirigido aos Centros Espíritas, que hoje se contam aos milhares, não se pode deixar de considerar a diversidade de interesses e condições das múltiplas comunidades que compõem o universo espírita.

Todavia, apesar das dificuldades e longe da pretensão de querer esgotar o rol de possibilidades de trabalho nessa área, é possível pensar em algumas linhas gerais de ação, que envolvam, além do esclarecimento, amparo direto às gestantes.

Objetivamente: 1 – promoção de palestras públicas, seminários e outros eventos semelhantes; 2 – distribuição periódica de mensagens, cartazes, flâmulas e adesivos; 3 – utilização dos meios disponíveis na mídia; 4 – palestras dirigidas às Mocidades Espíritas; 5 – palestras nos Cursos de Preparação de Noivas e de Pais; 6 – Serviço de Assistência à Gestante Carente (apoio nutricional, assistência médico-odontológica, apoio psicológico, assistência espiritual); 7 – Serviço de Assistência familiar pós-parto; 8 – Serviço de Adoção (entrosado com o Serviço de Assistência Social da respectiva Prefeitura, o Juizado da Infância e Juventude, Ministério Público e outras instituições, se for o caso).

Evidente que uma Campanha Nacional, sob os auspícios da FEB, de realização periódica, incentivaria sobremaneira a materialização desses e outros programas, dando-lhes, inclusive, valiosa sustentação. ■



REFORMADOR DE ONTEM

Um Grande Desbravador

Sylvio Brito Soares

Há muitos anos, num 3 de Outubro, lembro-me bem, ouvi alguém responder, numa roda de pessoas cultas, a uma pergunta formulada ocasionalmente, respondida essa que me causou funda impressão, embora não conseguisse, naquela ocasião, alcançar a razão, o motivo que justificasse a afirmativa desse senhor, já idoso e muito respeitado por todos, não só pelo saber, senão também pelas suas peregrinas virtudes.

A pergunta a que me referi foi a seguinte: – Qual a coisa mais útil à Humanidade?

Um dos circunstantes logo respondeu: a eletricidade, outro, a matemática, enquanto que, categóricos, afirmavam outros: a imprensa, a mecânica, etc., até que aquele senhor idoso e cheio de virtudes disse calma, mas convictamente: – Tudo o que vocês dizem está muito certo, mas, para mim, a coisa mais útil à Humanidade é o Espiritismo!

Essa resposta inesperada foi como uma bomba que estourasse no meio daqueles homens vaidosos, que nada admitiam fora dos domínios da ciência materialista!

Apesar do muito que me merecia esse respeitável ancião, disse para mim mesmo: – Coitado, já está de miolo mole.

Os anos se sucederam, e nesse desfiar das contas do calendário do mundo cada vez mais me convenço de que aquela bondosa criatura estava com a verdade! Efetivamente, o Espiritismo continua sendo a revelação mais extraordinária de nossos dias!

...

A eletricidade existente na Natureza era inteiramente desconhecida dos antigos, muito embora sentissem seus efeitos através dos relâmpagos, que são faíscas oriundas do contacto entre uma nuvem eletrizada e a terra, ou entre duas nuvens.

Seiscentos anos antes de Jesus-Cristo já se havia constatado que o âmbar adquiria, pelo friccionamento, a propriedade de atrair os corpos leves, como pedacinhos de papel, fragmentos de cortiça, etc.

Essa propriedade foi atribuída a uma causa especial, que recebeu o nome de eletricidade. Somente no século XVII foi que Gilbert, médico inglês, descobriu, através de inúmeras observações, que uma multidão de outros corpos também podiam eletrizar-se pelo friccionamento, enquanto que com outros tantos nada se conseguia.

Paulatinamente a eletricidade, esse fluido universal, tão poderoso e de tanta utilidade, tornou-se um fator de progresso para a civilização humana.

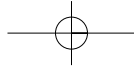
Assim também, a atuação dos Espíritos desencarnados sempre se fez sentir na vida dos homens, sem que jamais passasse pelas suas mentes que de tais manifestações fosse capaz de surgir, mais tarde, uma doutrina de tal magnitude, como a do Espiritismo.

Foi preciso que um lionês, dotado de extraordinário espírito de observação e análise, vislumbresse nessas manifestações das almas desencarnadas um verdadeiro campo fertilíssimo de surpreendentes verdades.

Todos sabemos com que meticulosidade, perseverança e prudência pesquisou o grande Rivail todos os fenômenos por ele observados.

Seu intento, ao comparecer às primeiras experiências, era, evidentemente, o de demonstrar que as mesas podiam girar por efeito do fluido magnético e que isso, a rigor, não era razão para espanto, e que o fato de uma mesa falar, quando magnetizada, era coisa de todo impossível, seja pela ação magnética ou seja pela de outra qualquer, a menos que lhe provassem, como disse ele, que uma mesa tivesse cérebro para pensar, nervos para sentir e pudesse tornar-se sonâmbula.

Como homem de ciência, repugnava-lhe aceitar fatos aparentemente contrários às leis da Natureza. E quando o Sr. Carlotti, seu amigo de 25 anos, lhe falou que as tais mesas giravam e falavam por in-



tervenção dos Espíritos, suas dúvidas aumentaram.

Portanto, foi com a resolução firmada, ao comparecer às primeiras experiências espíritas, de demonstrar por “a” mais “b” de que tudo podia ser esclarecido à luz da ciência, sem necessidade de se recorrer à intervenção esdrúxula de forças estranhas, desconhecidas.

Seu espírito de pesquisador honesto, muito embora não denunciase a impressão que os fenômenos lhe causaram, capacitou-se, desde logo, de que naquelas aparentes futilidades se escondia algo de sério, cuja incógnita precisava ser conhecida.

Nessa altura dos conhecimentos, deliberou pôr em prática, como de seu costume, o método experimental, e assim é que dos efeitos procurava remontar às causas, só admitindo por válida uma explicação, quando ela resolvia todas as dificuldades da questão. E foi observando, comparando e julgando que Hippolyte Léon Denizard Rivail ofertou ao mundo, dentro do exíguo espaço de cerca de dois lustros, o pentateuco básico, incontestado, da Doutrina Espírita!

E é de tal quilate a veracidade dessa doutrina que, não obstante a má vontade dos ditadores da ciência materialista que tudo fazem para ridiculizá-la, e da guerra sem tréguas que o sectarismo religioso lhe move, o Espiritismo dia a dia se vai impondo no conceito geral dos povos.

A grande procura das obras de Allan Kardec é um índice seguro da vitalidade dessa doutrina que caminha e se alarga sem sacerdócio organizado.

...

Mas, voltemos à palestra a que me referi no início deste artigo.

Depois do natural espanto causado entre os circunstantes, motivado pela resposta inesperada do venerando ancião, isto é, de que o Espiritismo era a coisa mais útil para a Humanidade nos dias atuais, houve quem levantasse uma questão que, de certo modo, impressionou fundamente: – Pelas palavras do nosso amigo conclui-se que o Evangelho de Jesus nada significa diante do Espiritismo! E uma voz se

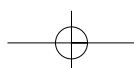


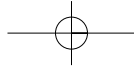
fez ouvir dizendo: – E no entanto há quem assevere que os espíritas, principalmente aqui no Brasil, têm grande veneração por esse livro incomparável que é a Boa Nova.

Silencioso se mantinha o causador de toda essa celeuma, quando lhe pediram esclarecimentos sobre o assunto em foco. E ele, expressando em sua fisionomia mansuetude e bondade, obtemperou: – Já que vocês me forçam a um pronunciamento mais claro, devo dizer, portanto, dos motivos que me levaram a expressar-me daquela maneira acerca do Espiritismo, que considero uma doutrina profundamente

religiosa, desde que se dê ao termo religião o seu puro sentido.

Pois bem, ao Espiritismo cabe, indiscutivelmente, desempenhar imenso papel na Terra, sem que, com isso, coloque o Evangelho em segundo plano, porque sou dos que pensam que, apesar de todos os pesares, nesse livro sublime se disse tudo quanto o homem necessita para bem se conduzir no mundo e em qualquer circunstância. Mas acontece que o homem, por questões que não vêm a pêlo alinhar, lançou sobre as palavras de Jesus uma verdadeira cortina de fumaça, desvirtuando assim o sentido das parábolas e ensinamentos do Divino Mestre, a ponto de apresentarem um Deus cioso, vingativo, parcial e incoerente, igualando-o ao deus tonitruante de Moisés. E a deturpação da verdade evangélica então operada deu em resultado a incompreensão reinante no seio dos povos: a religiosidade interesseira e intolerante, o formalismo e o exteriorismo da crença. E digam-me, por favor, que é que o mundo nos apresenta, depois de decorridos quase dois mil anos da tragédia do Gólgota? Apenas isto: as guerras ceifando vidas inocentes, o despudor campeando assustadoramente, os crimes avassalando a sociedade, o abandono da santidade do lar, enfim, seria fastidioso, e triste sobretudo, enumerar todas as misérias que proliferam na face da Terra, justamente porque as criaturas se desinteressam das coisas santas do espírito, em virtude dessa cortina de fumaça que é o sectarismo incongruente, ambicioso, que prefere colocar a lâmpada potente do amor cristão debaixo do alqueire, a fim de que o mundo seja iluminado unicamente pela luz fume-





gante de uma candeia que contém o azeite do despotismo e da intolância!

O Espiritismo, disse e afirmo sem receio – acrescentou o bondoso ancião –, é a coisa mais útil para a felicidade humana, porque tem o condão de afugentar essa fumaça a que aludi há pouco, destarte permitindo que a luz do Cristo penetre nos corações das criaturas.

E daí a razão por que todo espírito sincero é um apaixonado pelas letras evangélicas, pois que as lê com olhos de ver e ouve as pregações dos nossos irmãos maiores com ouvidos de ouvir!

E como o Espiritismo faz que seus profitentes melhor compreendam as leis divinas, retificando os

erros da História, restaurará, por isso mesmo, a religião do Cristo, religião que se tornou objeto de comércio e de tráfico vil. Ele – o Espiritismo –, não tenham a menor dúvida, meus amigos, vai instituir a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração para ir diretamente a Deus, sem se deter nas franjas do sacerdócio, ou nos degraus de um altar de pedra.

E quando o Espiritismo penetrar em todos os lares, o materialismo e o ateísmo baterão em retirada apressadamente, e onde haja dor haverá alegria, onde exista ódio haverá amor. Daí o dizer e repetir eu que o Espiritismo é a coisa mais útil à Humanidade, porque restauran-

do o Cristianismo, luz do mundo, ao mundo conseqüentemente salvará.

E quem está compenetrado dessa verdade não pode deixar, como a mim acontece, sempre que se me oferece oportunidade, de homenagear reverentemente a figura luminosa de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que nasceu na França em 3 de outubro de 1804, mas que, com o nome de Allan Kardec, passou para a História como cidadão universal e grande benfeitor da Humanidade.

...E assim terminara a explanação do venerando e bondoso velho!

Fonte: *Reformador* de outubro de 1954, p. 23 (235)-24 (236).

Mocidade e velhice

Infância, juventude, madureza e velhice são simples fases da experiência material.

A vida é essência divina e a juvenilidade é seiva eterna do espírito imperecível.

Mocidade da alma é condição de todas as criaturas que receberam com a existência o aprendizado sublime, em favor da iluminação de si mesmas e que acolheram no trabalho incessante do bem o melhor programa de engrandecimento e ascensão da personalidade.

A velhice, pois, como índice de senilidade improdutiva ou enfermidade, constitui, portanto, apenas um estado provisório da mente que desistiu de aprender e de progredir nos quadros de luta redentora e santificante que o mundo nos oferece.

Nesse sentido, há jovens no corpo físico que revelam avançadas características de senectude, pela ociosidade e rebeldia a que se confinam, e velhos na indumentária carnal que ressurgem sempre à maneira de moços invulneráveis, clareando as tarefas de todos pelo entusiasmo e bondade, valor e alegria com que

sabem fortalecer os semelhantes na jornada para a frente.

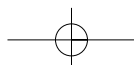
Se a individualidade e o caráter não dependem da roupa com que o homem se apresenta na vida social, a varonilidade juvenil e o bom ânimo não se acham escravizados à roupagem transitória.

O jovem de hoje, pelas determinações biológicas do Planeta, será o velho de amanhã; e o ancião de agora, pela lei sublime da reencarnação, será o moço do futuro.

Lembre-mos, porém, de que a Vida é imortal, de que o Espiritismo é escola ascendente de progresso e sublimação, de que o Evangelho é a luz eterna, em torno da qual nos cabe o dever de estruturar as nossas asas de Sabedoria e de Amor e, num abraço compreensivo de verdadeira fraternidade, no círculo de esperanças, dificuldades e aspirações que nos identificam uns com os outros, continuemos trabalhando.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Correio Fraterno*. Por Diversos Espíritos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 17, p. 47-48.



ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Bem-aventuranças

“Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.”

— *Jesus*. (Lucas, 6:22.)

O problema das bem-aventuranças exige sérias reflexões, antes de interpretado por questão líquida, nos bastidores do conhecimento.

Confere Jesus a credencial de bem-aventurados aos seguidores que lhe partilham as aflições e trabalhos; todavia, cabe-nos salientar que o Mestre categoriza sacrifícios e sofrimentos à conta de bênçãos educativas e redentoras.

Surge, então, o imperativo de saber aceitá-los.

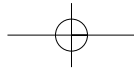
Esse ou aquele homem serão bem-aventurados por haverem edificado o bem, na pobreza material, por encontrarem alegria na simplicidade e na paz, por saberem guardar no coração longa e divina esperança.

Mas... e a adesão sincera às sagradas obrigações do título?

O Mestre, na supervisão que lhe assinala os ensinamentos, reporta-se às bem-aventuranças eternas; entretanto, são raros os que se aproximam delas, com a perfeita compreensão de quem se avizinha de tesouro imenso. A maioria dos menos favorecidos no plano terrestre, se visitados pela dor, preferem a lamentação e o desespero; se convidados ao testemunho de renúncia, resvalam para a exigência descabida e, quase sempre, ao invés de trabalharem pacificamente, lançam-se às aventuras indignas de quantos se perdem na desmesurada ambição.

Ofereceu Jesus muitas bem-aventuranças. Raros, porém, desejam-nas. É por isto que existem muitos pobres e muitos aflitos que podem ser grandes necessitados no mundo, mas que ainda não são benditos no Céu.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 89, p. 189-190.



Fé e conhecimento

Humberto Schubert Coelho

Segundo a moderação filosófica não se pode negar absolutamente o relato de alguém que afirme ter contato com Espíritos, assim como não se pode dar validade científica a este tipo de depoimento.

O filósofo alemão Kant (1724-1804) escreveu um livro sobre este assunto, que intitulou *Sonhos de um Visionário*, analisando a faculdade de ver e comunicar-se com Espíritos. Segundo ele, esta faculdade não é universal, e mesmo naqueles que a possuem não se verifica uma uniformidade perfeita no tratamento dos fenômenos mediúnicos. Desta forma, seria arriscado afirmar uma objetividade dos relatos deste tipo, sob risco de adotar-se falsos relatos, testemunhos de má-fé e charlatanias. Além disso, mesmo nos casos em que uma pessoa de absoluta confiança, de mais irrepreensível conduta e caráter insuspeito prestar depoimento sobre algo que não possa ser avaliado universalmente, este depoimento não poderá ser considerado “dado científico”. “Experiências” posso tê-las com Espíritos ou com homens, e elas serão sempre particulares, sendo assim não posso esperar de forma alguma que todos tomem meu depoimento por verdadeiro. Se “relato” meu contato com Espíritos, ou minha

recente viagem a uma ilha desconhecida no Pacífico, o ouvinte jamais saberá, em ambos os casos, se digo a verdade. E se confia no meu relato é por puro **voto de confiança**, não por certeza, por mais que o relato seja plausível.

Segundo o conhecimento que Kant tinha dos fenômenos mediúnicos, eles eram exclusivamente relatos de Espíritos, ou visões. Desta forma, enquadrou ele toda a categoria dos médiuns e profetas na categoria dos **testemunhos particulares**.

Esta seria a última palavra sobre a validade da mediunidade enquanto ciência, não fosse pelo fato de que os Espíritos, quando o desejam, são capazes de fornecer informações e demonstrações de caráter *cientificizável*. Ou seja, podem dizer, por exemplo, coisas que o médium não teria como saber e prestarem-se a interrogatórios sistemáticos ou avaliações de caráter empírico. Tudo isso e ainda mais podem fazer, desde que o **queiram**.

Deu-se com Kardec, por exemplo, que os Espíritos estavam dispostos a tudo fazer para atrair sua atenção, e uma vez logrado êxito, submeteram-se a exames diversos que lhe satisfizessem as dúvidas pertinentes. Se assim não mais ocorre é porque eles não o querem, ou não necessitam destes mecanismos para exercer seu trabalho.

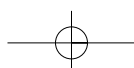
Hoje não dispomos dos métodos e das condições de averiguação científica de que Kardec possuía ao

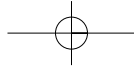
interrogar os Espíritos. Métodos e circunstâncias que eles mesmos propiciaram para cumprir seus interesses. Interesses estes relativos à codificação de uma mensagem moral, e *não da criação de uma certeza científica*. Fosse esta a intenção teriam prosseguido com o trabalho bruto de manipular objetos psicocineticamente. A crença na veracidade dos estudos de Kardec é fundada na fé que se tem em seu testemunho. Embora ele mesmo tivesse tido oportunidade de demonstrar empiricamente os fenômenos, eles só nos chegam através de relatos e testemunhos, sobre os quais a razão e a sensibilidade trabalham a fim de valorar, segundo predisposições íntimas, o que é relatado.

As predisposições de cada pessoa, seu estado de abertura sensível e intelectual para o fenômeno mediúnico são determinantes para o processo final de uma epistemologia que, pressupondo a dúvida, investe através da boa vontade no ato de fé.

A mensagem espírita não é da mesma natureza de uma descoberta científica que visa levar os homens a uma convicção geral acerca dos fenômenos, muito menos tem a pretensão imediata de substituir as muitas ideologias existentes. Não tem, portanto, pretensão de arrastar as massas através de evidências empíricas indiscutíveis.

O Espiritismo possui corpo teórico e até mesmo fundamento científico e filosófico para seus pos-





tulados. Mas estes fundamentos científicos e filosóficos são apenas o meio, e não a finalidade da mensagem. Sua importância está no campo da solidificação dos conceitos e idéias dos quais se colhem os fundamentos da moral. A função verdadeira do Espiritismo é lançar novos paradigmas morais adequados a uma nova etapa de consciência na qual só muito recentemente adentra a Humanidade. Se toma mão de dados científicos e análise filosófica para isso é porque são chegados os tempos em que os homens podem entendê-los e mesmo carecem deles como parte de sua busca pela espiritualidade. Mas por conter uma mensagem moral maior do que as possibilidades de uma moral racionalista, precisa-se inevitavelmente do sustento da fé. Daí o seu aspecto religioso.

Humberto Mariotti em seu livro *“O homem e a sociedade numa nova civilização esclarece bem este ponto: Nos tempos novos, já não se trata de conformismos nem de crenças sem provas: esta atitude será agora a de uma parte mínima da Humanidade, mas nunca a dessa maioria ateuista e antiespiritualista que nega enfaticamente hoje o que aceitou até ontem de maneira cãndida. Se é certo que existe uma necessidade de crer, o desenvolvimento mental do homem exige novo modo de aceitar as crenças: aspira a crer sobre as bases de um seguro realismo religioso, sem temor de enganar-se.”*

A moral espiritual é um salto além das poucas certezas que temos através da Ciência e da Filosofia. Um salto que é impulsionado por uma intuição de que algo maior nos chama nesta direção. A fé ja-

mais é cega, ou seria fanatismo. Ela é um gesto de boa vontade na direção em que a razão, o sentimento e a intuição apontam, malgrado eu não veja o que há nesta direção dou um salto, um voto de confiança na direção de minhas predisposições.

Por isso que o Espiritismo não pode e não irá ainda em nosso tempo tornar-se uma doutrina das massas. É preciso que as pessoas estejam antes aptas a reconhecer os próprios limites de sua humanidade, suas faculdades e predisposições mais íntimas, para só então compreender a incerteza contida no conhecimento

**Fé raciocinada é
privilégio de uma
pequena parcela
dos seres que
habitam a Terra**

de si mesmas. Com isso queremos dizer que só quando os homens se conhecerem um pouco mais saberão o bastante para se entregar, como ato de coragem e não de desistência, ao desconhecido que nos chama.

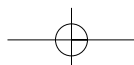
Fé raciocinada é privilégio de uma pequena parcela dos seres que habitam a Terra. É preciso antes que o homem aprenda a raciocinar, para só depois chegar a uma fé racional. Precisamos de uma era científica e cética como esta para que a Humanidade solidifique sua própria humildade, uma vez que o progresso científico e filosófico nos leva cada vez mais a uma consciência de pequenez diante da vastidão do

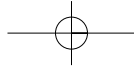
desconhecido. Despido do orgulho de sua suposta sabedoria, o homem tem tempo para encontrar dentro de si a chama eterna, embora muitas vezes ofuscada, de uma predisposição inata que o liga ao Bem.

Uma vez executado este círculo, uma nova esfera de conflito dialético se constrói entre este sentimento inato da presença do Absoluto e a possibilidade racional de conhecer. Já não é mais possível sustentar os excessos da negação e da afirmação extremistas; então surge uma síntese, um estado de consciência que admite a dúvida, sem que a dúvida sobreponha a certeza; que admite a certeza, na consciência de que ela é um salto de fé orientado pela razão e por predisposições íntimas, ou seja, é uma certeza humilde, sem pretensões de deter em si a verdade, mas de entregar-se ao que tomo por verdade.

Tudo me leva a crer no Caminho. Ao mesmo tempo em que a fé é uma crença, uma posição que pressupõe a dúvida, é também uma certeza, na medida em que **tudo me leva a crer**. Definições racionalistas tentam congelar a fé em um aspecto, matando sua própria dinâmica natural, a própria dinâmica do pensamento, da qual a fé é um dos frutos. Quando se define a fé como opinião, ou como certeza, esta quebra da dialética natural do pensamento reduz a fé a uma palavra que não lhe cabe, uma palavra, uma idéia que dizem respeito ao pensamento analítico e não ao pensamento dialético; é o retorno ao relativismo de um lado e ao fundamentalismo do outro.

A proposta espírita não é uma proposta equivalente à das demais religiões, na medida em que não





pretende deter a verdade, apenas aponta o caminho para ela. Também não é um ceticismo, pois afirma a existência de um caminho, por mais que o trajeto seja desconhecido, podemos confiar na **direção** que devemos tomar. É uma proposta humilde, e talvez para alguns isso seja insuficiente enquanto Religião, como para outros é assim ousado demais enquanto Ciência. Quando o Espiritismo se vale de conceitos velhos para definir-se a si mesmo (Filosofia, Ciência e Religião), corre o risco de que estes conceitos sejam interpretados da maneira que os extremistas os interpretam. Para nós, não há prejuízo em admitir a incerteza quanto ao futuro e às coisas metafísicas, assim como não nos parece vergonhoso crer mesmo na incerteza. Lembremo-nos da mensagem de Jesus a Tomé, que só creu na ressurreição tocando o corpo do Mestre. E ele lhe disse assim:

– *Você viu e creu. Bem-aventurados os que crêem sem ter visto.* (João, 20:26-29.)

Espíritas! Creiamos pela confiança naqueles que até agora só nos inspiraram ao bem. Creiamos com fé sincera e simples nos que trazem dos Céus a mensagem do Cristo. Não nos afadiguemos por provar aos demais as verdades do Evangelho e do Espiritismo. Preocupemo-nos antes com os que crêem sem ter provas, pois aos outros Deus dará provas concretas se assim o quiser. Não temamos também admitir nossa dúvida e nossa incerteza. Só aquele que detém a verdade não duvida, e só aquele que reconhece sua ignorância é humilde. A dúvida de que falamos não é a dos céticos, uma ferramenta da destruição rançosa e sem sentido. Não duvida-

mos por duvidar, nem por rebeldia contra os que afirmam com arrogância. Duvidar para nós é saber que não se sabe.

Nenhum prejuízo há em reconhecer a incerteza sobre como é a vida no mundo dos Espíritos, uma vez que até sobre o nosso não estamos certos. Os Espíritos não nos inspiram a ter certeza, mas a ter fé. Fé raciocinada, é o que nos recomendam a todo momento. Se nos recomendam a fé é porque não pretendem que estejamos certos do que é a verdade. Reconhecem nossa dúvida, nossa ignorância, e diante dela recomendam, não a certeza dos fanáticos, mas a fé raciocinada (a única que existe de fato) para evitar a crença cega que muitos denominam fé. Fé cega não é fé verdadeira, mas auto-engano ou ingenuidade. Esforcemo-nos, portanto, para solidificar nossa fé nos pilares da razão, da Ciência, da experiência. A humildade em reconhecer a nossa ignorância e a fraqueza de nosso raciocínio nos aproxima mais das virtudes divinas do que uma suposta sabedoria.

O maior dos filósofos, Sócrates, disse: “Sou sábio porque sei que nada sei, enquanto os outros nem isso sabem.”

Ao que foi completado por Pascal: “Reconhecendo o tamanho de minha fraqueza e a pequenez de minha inteligência, entrego-me totalmente Àquele que é infinito, e nEle deposito minha confiança, para que conduza minha vida segundo Sua sabedoria.”

Por isso, repetimos ainda uma vez. Devemos despir-nos das ilusões de erudição e intelectualidade, depositando nossa fé simples, como a dos primeiros cristãos, na grandeza que pressentimos pelo coração, sem desprezar o que entendemos pela razão. Que a inteligência nos aponte o caminho, e a moral nos dê a força para caminhar. ■

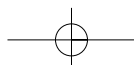
BIBLIOGRAFIA:

KANT, Immanuel. *Träume eines Geistersehers*. Reclam, Stuttgart, 1976.

MARIOTTI, Humberto. *O homem e a sociedade numa nova civilização*. Edicel, São Paulo, 1963.

Mês Allan Kardec na Seccional da FEB no Rio

A FEB promove, em abril de 2005, o Mês Allan Kardec. O evento será na Seccional da FEB – Avenida Passos, 30 (RJ). Da programação consta uma exposição elaborada pelo Conselho Espírita Internacional. Réplicas de roupas de Allan Kardec e de sua esposa, objetos do século XIX, livros raros, vídeos, documentos e curiosidades fazem parte da mostra. Três palestras estão agendadas: no dia 1º, o Presidente da FEB, Nestor João Masotti; no dia 18, Suely Caldas Schubert (MG); e no dia 29, Therezinha de Oliveira (SP). Os convites estarão à disposição na FEB (Seccional e Departamento Editorial), na FEERJ, no Abrigo Beneficente Nazareno, na Rádio Rio de Janeiro, na USEERJ e no Lar de Tereza. Mais detalhes no encarte do evento que circula com esta edição de *Reformador*.

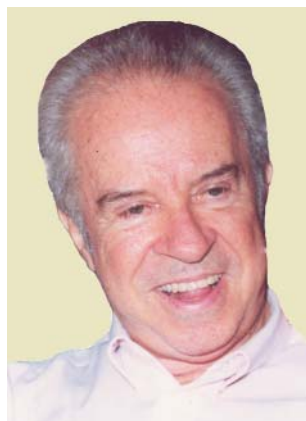


José Yosan dos Santos Fonseca

Desencarnou na cidade do Rio de Janeiro no dia 26 de dezembro de 2004 o nosso confrade José Yosan dos Santos Fonseca, após longa e pertinaz enfermidade, enfrentada com coragem e resignação exemplares, tendo sido o seu corpo sepultado no Cemitério São João Batista.

Natural de Vitória (ES), onde nasceu em 24 de março de 1932, veio aos dois anos de idade para o Rio de Janeiro em companhia do pai, pois que ficara órfão de mãe, e nesta cidade realizou os seus estudos, graduando-se em Advocacia e Publicidade. No Exterior, graduou-se PHD em *Business Administration* pela Universidade de Havard em 1973. Falava fluentemente quatro idiomas: inglês, francês, italiano e espanhol. Gerenciou no Brasil, durante vinte e cinco anos, a J. Walter Thompson, empresa de *Marketing* e Publicidade. Casado com Marisa Priolli dos Santos Fonseca, ela também colaboradora da Federação Espírita Brasileira no setor de produção musical, o casal tem dois filhos, Daniella e Marcelo, e seis netos, familiares com quem Yosan sempre dividiu toda a ternura e carinho de que era dotado o seu nobre e generoso coração.

Abraçou o Espiritismo em 1977, afirmando-se de imediato como trabalhador incansável no campo da divulgação doutrinária, merced de suas qualidades de palestrante



sereno e objetivo e escritor seguro e convincente. Nesse sentido, realizou inúmeras palestras em Casas Espíritas de várias cidades do interior dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Foi fundador e primeiro presidente do Lar Cristão Maria de Nazaré, sediado no bairro de Vila Isabel; integrou por doze anos a diretoria da Casa da Mãe Pobre e, enquanto a saúde física lhe permitiu, foi diretor da Casa de Cultura Espírita Deolindo Amorim, com sede em Teresópolis (RJ).

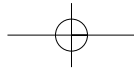
Nessa cidade, realizava também meritório trabalho de conscientização religiosa junto a presidiários da Casa de Detenção, extensivo aos seus familiares.

Passou a colaborar com a Federação Espírita Brasileira a partir de 1991, tendo sido logo a seguir nomeado Assessor da Presidência e eleito membro do Conselho Superior da Instituição, vindo a tornar-se também integrante do Grupo Ismael.

No desempenho de suas atri-

buições colocou os seus sólidos conhecimentos e comprovada experiência profissional a serviço da divulgação da Doutrina Espírita. Junto ao Setor Gráfico contribuiu com oportunas e valiosas sugestões com vistas ao aprimoramento da apresentação e aperfeiçoamento dos métodos e processos de divulgação das publicações da FEB. Valendo-se dos seus profundos conhecimentos da língua inglesa, realizou intenso trabalho de avaliação de traduções e versões de obras espíritas visando a sua publicação em outros países. Nessa atividade teve destacada atuação na preparação, em inglês, dos documentos apresentados pela Federação no Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, realizado pela ONU em Nova York em agosto de 2000. Foi o principal colaborador na organização do livro *O Que Dizem os Espíritos sobre o Aborto* e planejador e dirigente da produção do vídeo *O Espiritismo – de Kardec aos Dias de Hoje*, obras de grande aceitação no meio espírita. Colaborou na produção e na gravação dos CDs *Evangelização em Notas Musicais*, editados pela FEB, cedendo sua própria voz em algumas das peças musicais.

Ao companheiro de ideal e querido irmão de todos que com ele privaram, nossos votos de plena e feliz integração no Plano Espiritual onde terá multiplicadas as suas oportunidades de trabalho na seara do Bem. ■



Consciência espírita

Orson Peter Carrara

Em sua *Mensagem ao Leitor*, constante da apresentação do livro *Conduta Espírita*^{*}, o Espírito André Luiz, na psicografia de Waldo Vieira, indica que são “(...) páginas com indicações cristãs para que venhamos a burilar nossas atitudes no campo espírita em que o Senhor, por acréscimo de misericórdia, nos situou os corações”. E completa na mesma página: “(...) a liberdade espiritual é o mais precioso característico de nosso movimento. Entretanto, se somos independentes para ver a luz e interpretá-la, não podemos esquecer que o exemplo digno é a base para nossa verdadeira união em qualquer realização respeitável.”, quase concluindo com esta bela máxima: “Da conduta dos indivíduos depende o destino das organizações”, que negritamos.

O livro todo, como se sabe e pondera o Espírito Emmanuel, em página psicografada por Chico Xavier e com o mesmo título da obra, “*equivale a ouvir um companheiro fiel ao bom senso*”, pois há preciosas orientações para o campo da atuação espírita.

A atuação espírita solicita coerência da prática com o conhecimento, levando à palavra *consciên-*

cia. Por definição, a palavra indica *faculdade de a razão julgar os próprios atos; percepção do que se passa em nós; sinceridade; retidão; cuidado com que se faz alguma coisa, com que se executa um trabalho* etc.

Para efeito do presente trabalho, vamos centrar nossa atenção na definição que indica *cuidado com que se faz alguma coisa*, para pensar no comportamento espírita. Sim, no comportamento espírita, dentro e fora do Movimento Espírita.

Afinal, como agem os espíritas? Como reconhecê-los? Como se distinguem daqueles que não conhecem o Espiritismo?

Permitimo-nos analisar o assunto exclusivamente no seio de nossas instituições que agem em nome da Doutrina Espírita, rotulando suas atividades e denominações de espíritas. Para a vivência social, extramuros do Espiritismo, deixamos à reflexão do leitor, já que a própria consciência espírita, adquirida pelo estudo e pela reflexão, indica os caminhos da ética e da conduta cristã.

Imaginemos se chegarmos a uma cidade onde nenhum contato tenhamos e perguntarmos pelos espíritas da cidade. Quem serão? Como serão reconhecidos? Eis a questão para a reflexão do leitor.

Uma vez no interior de uma instituição intitulada espírita, no cotidiano de suas atividades, como vislumbraremos, por exemplo, um expositor? Como ele se comportará?

O foco de visão naquele que usa a tribuna e fala em nome da Doutrina, representando a Casa no seu todo, traz interessante fonte de estudo para o objetivo deste artigo, que, em nenhum momento, visa apresentar crítica a quem quer que seja, mas simplesmente fazer pensar na questão.

Alguém à tribuna, como se portará?

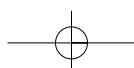
Com a seriedade compatível com a própria Doutrina. Esta é séria, embora não carrancuda. Mas o fato de até estimular a espontaneidade que nos deve caracterizar, solicita cuidados com os limites.

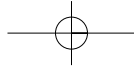
Expliquemo-nos. Certas expressões, determinadas palavras, especialmente as chulas e pejorativas, devem ser evitadas na tribuna espírita. Se já o deve ser em nosso cotidiano, até por uma questão de decência e educação, que dizer então quando no uso da tribuna, dirigindo-nos verbalmente para um grupo de pessoas que espera o melhor de nossas palavras. Sim, pois, considerando que o objetivo do Espiritismo é o aprimoramento intelectual-moral do ser humano, toda expressão, frase, palavra que usemos, que seja para construir, elevar, moralizar.

Convenhamos que certas palavras e expressões do cotidiano da vida humana denigrem a boa formação moral que desejamos conquistar e transmitir às pessoas que porventura nos ouçam.

Observemos que o comentário

^{*} 7ª edição FEB, dezembro de 1979.





do Espírito André Luiz, no livro já citado, é extremamente oportuno nessas considerações: “*Da conduta dos indivíduos depende o destino das organizações.*” Ampliemos a frase para o hábito, a partir do verbo que usamos, que se vai incutir nos freqüentadores e trabalhadores de uma instituição, quando não há o cuidado com o vocabulário que se usa em público ou nos contatos pessoais.

Prestemos atenção também em uma das definições do dicionário: *cuidado com que se faz alguma coisa*. Ora, é exatamente esse cuidado, na escolha das expressões, que educa o ambiente.

Claro que isto não é exclusivo com o uso verbal, mas estende-se a toda e qualquer atividade, qualquer que seja ela em sua execução nas instituições espíritas.

Este *cuidado*, esta *conduta*, aproveitando-nos das duas definições acima referidas, são pontos norteadores para nossas ações, verbais ou não.

Este *cuidado*, esta *conduta*, devem estar coerentes com a própria índole doutrinária do Espiritismo: seriedade, bondade, afeto, respeito, solidariedade, discrição, caridade, enfim... Ora, é a consciência espírita a perfeita identificação da proposta assimilada.

Como conciliar comportamentos inconvenientes de quem conhece a Doutrina?

Nestes casos surge a oportunidade da compreensão para quem entende que não houve ainda a assimilação doutrinária daqueles que agem de forma incoerente, verificando-se que os prejuízos são evidentes, especialmente para aqueles que tomam os primeiros contatos

com o Espiritismo e constataam a vulgaridade de ações impensadas e inconscientes.

Somos responsáveis pelas sementes que semeamos nos corações alheios, nos exemplos que transmitimos aos que nos observam ou nas palavras que proferimos para denegrir, e mesmo contribuir para o relaxamento dos esforços pela moralização e espiritualização da condição humana.

Prestemos, pois, muita atenção no que fazemos, como fazemos.

Influenciamo-nos mutuamente. E já que aqui estamos para aprender e progredir, é melhor seguir os caminhos da coerência que

solicita ações e verbo compatíveis com o que já sabemos.

Quando, porém, surgirem dúvidas de como agir, uma consulta ao excelente livro *Conduta Espírita* indicará comportamentos compatíveis. Se a definição da palavra consciência já é tão expressiva, imaginemos qualificada com o adjetivo espírita?!

A chave toda da questão está no comentário de André Luiz, referido no primeiro parágrafo deste artigo: *o exemplo digno é a base para nossa verdadeira união em qualquer realização respeitável*. Dignidade, eis a palavra! Até mesmo nas expressões verbais. ■

Tua mensagem

Tua mensagem não se constitui apenas do discurso ou do título de cerimônia com que te apresentas no plano convencional; é a essência de tuas próprias ações, a exteriorizar-se de ti, alcançando os outros.

Sem que percebas, quando te diriges aos companheiros para simples opiniões, em torno de sucessos triviais do cotidiano, estás colocando o teu modo de ser no que dizes; ao traçares ligeira frase, num bilhete aparentemente sem importância, derramas o conteúdo moral de teu coração naquilo que escreves; articulando referência determinada, posto que breve, apontas o rumo de tuas inclinações; em adquirindo isso ou aquilo, entremostros o próprio senso de escolha; elegendo distrações, patenteias por elas os interesses que te regem a vida íntima...

Reflete na mensagem que expedes, diariamente, na direção da comunidade.

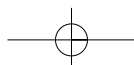
As tuas idéias e comentários, atos e diretrizes voam de ti, ao encontro do próximo, à feição das sementes que são transportadas para longe das árvores que as produzem.

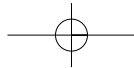
Cultivemos amor e justiça, compreensão e bondade, no campo do espírito.

Guarda a certeza de que tudo quanto sintas e penses, fales e realizes é substância real de tua mensagem às criaturas e é claramente pelo que fazes às criaturas que a lei de causa e efeito, na Terra ou noutros mundos, te responde, em zelando por ti.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *Estude e Viva*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 28-29.





Reprodução e reencarnação

Gil Restani de Andrade

“— Qual o relacionamento existente entre reprodução e reencarnação?”

— Sem a reprodução, o mundo corpóreo desapareceria; a reencarnação tem por finalidade dotar o Espírito de condições para contribuir na obra de Deus. Pela reprodução, fica assegurada aos Espíritos a maneira de chegar àquelas condições.”

Emmanuel/Chico Xavier

O instinto da reprodução, bem como os impulsos que levam homem e mulher a ansiar por verem consolidadas como efeito de suas trocas de energias criadoras – os filhos – são a resultante da Lei Divina de reprodução da espécie. O “crescei e multiplicai-vos” do ensino bíblico diz respeito exatamente à difusão dessa lei.

É necessário aos Espíritos que esse impulso criador seja mantido, sem o que a Humanidade desapareceria.

No entendimento usual, contudo, a reprodução, para a espécie humana, é o resultado da união pelo sexo de homem e mulher, para satisfação dos seus impulsos biológicos.

De uma forma ou de outra, porém, em nenhuma circunstância, na concepção humana, deixarão de ter atuação fundamental Espíritos, que, no Astral Superior, receberam

a tarefa sublimada de programar uma nova oportunidade evolutiva.

“Em verdade, em verdade, vos digo: é preciso nascer de novo para entrar no Reino dos Céus.” (João, 3:3.)

Através dessas palavras, o Meigo Rabi da Galiléia reafirmou a necessidade das vidas sucessivas para a limpeza da “Veste Nupcial”, através da qual a criatura evolui, em consonância com seus próprios méritos, na busca de níveis espirituais mais elevados e sutis.

Não são poucas as vezes em que a concepção ocorre impregnada de fortíssimo envolvimento magnético, proveniente da volúpia do prazer do sexo em desequilíbrio. Mesmo nesses casos, contudo, os Espíritos Missionários que assumiram o encargo de construtores espirituais não deixam de dar a sua contribuição, conquanto, nessa oportunidade, o trabalho se desenvolva sob mecanismos previamente delineados, similares, na seqüência e no acompanhamento.

Os Espíritos executam seu mister contritos, em prece, dado o “peso” do enredamento emocional que jungiu os parceiros, eivado das brumas do desejo e da paixão.

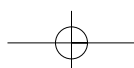
Espíritos de baixo teor evolutivo, contudo, também estabelecem sintonia e abeberam-se de energias impuras, que lhes sabem como alimento de sustentação, em seu desequilíbrio, continuado no Plano Maior da Vida.

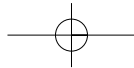
É sacrificial aos Espíritos Construtores executarem sua tarefa, uma vez que, em suas abnegadas atividades de engenheiros do Cosmo, são prejudicados pelas vibrações grosseiras, contraditórias e desvairadas; não raro são afrontados por Espíritos que adquiriram feições disformes, pois que, para auxiliar na reencarnação, têm que adensar seus perispíritos, tornando-se-lhes visíveis. Acresce a circunstância de não existir, da parte do casal, se invigilante, qualquer pensamento conceptivo, inconsciente e envolvido que se acha na busca do prazer.

Perseveram, porém, os Espíritos Construtores, manipulando, com carinho, mas vigorosamente, os refolhos perispitais do reencarnante, ativados e jungidos por incoercível magnetismo ao casal comprometido, em decorrência da Lei de Causa e Efeito.

Quando, porém, as criaturas permutam energias pelo ato sexual com a consciência correta do que ele representa, da mútua alimentação dos centros vitais, principalmente o coronário e o cardíaco, bem como o de sua capacidade criadora, em cumprimento à Lei Divina, a ação espiritual é inteiramente diversa.

Então os Espíritos engenheiros atuam como verdadeiros missionários, inspirando, paciente e afetuosamente, pai e mãe ao sentimento nobre, que é a aceitação de novo ser reencarnante, com o qual, freqüen-





temente, conviveram, em vidas anteriores, de maneira dificultosa e comprometedora.

Sintomaticamente, a mãe que irá abrigar em seu ventre o novo ser identifica-o com mais facilidade, sentindo a sua natureza vibracional, reportando o passado e sentindo, quando de seu sono físico, em desdobramento, emoções de muito represadas, bem como a lembrança de ocorrências das quais, em vigília, não guarda a menor recordação.

Mesmo quando as emoções são dolorosas ou sofridas, é da mulher que, de modo geral, surge o primeiro sinal de aceitação para que aquele Espírito, desafeto de anta-

nho, possa retornar à carne por meio de seu corpo. Esse sinal, as mais das vezes, tem como característica o perdão recíproco dos males mutuamente causados, no pretérito.

Uma vez obtida a aceitação materna, a tarefa dos Espíritos Missionários volta-se para o genitor. O trabalho, nessa circunstância, pode ser abrandado pela força vibracional do ajuste ocorrido entre a mãe e o futuro reencarnante. Abrandado mas não menos afadigante, pois, em qualquer circunstância, há que respeitar-se o livre-arbítrio, tesouro imarcescível concedido por Deus a todos os Espíritos.

Realizada a reconciliação também com o genitor, a união energé-

tica das polaridades feminina e masculina permite a imersão do Espírito para uma nova jornada na carne.

Importante citar a presença indispensável do amor, no processo de reprodução ou de procriação, seja esse amor decorrente de mera e circunstancial atração biológica, seja o amor derivado da união de um casal cômico de suas responsabilidades.

Sua presença, contudo, é substancial e essencialmente diferenciada.

O ato sexual é comandado pela mente, área do corpo somático que está mais interligada com o perispírito. A natureza das “formas-pensamento”, em um e outro caso, serão compatíveis com o tônus vibrátil que mais se lhes ajustem.

Consigna-se, todavia, a grandiosa interveniência e bondade do Pai, que a tudo provê e que faz entoar, desta forma, a Sublime Canção da Vida, em sua ação mais direta sobre nós, Espíritos ainda carentes de maior evolução. ■

BIBLIOGRAFIA:

- O Livro dos Espíritos* – Allan Kardec – FEB.
- Vida e Sexo* – Emmanuel/Francisco Cândido Xavier – FEB.
- Missionários da Luz* – André Luiz/Francisco Cândido Xavier – FEB.
- Evolução em Dois Mundos* – André Luiz/Francisco Cândido Xavier, Waldo Vieira – FEB.
- No Mundo Maior* – André Luiz/Francisco Cândido Xavier – FEB.
- Após a Tempestade* – Joanna de Ângelis/Divaldo Pereira Franco – LEAL.
- Rumo às Estrelas* – Espíritos Diversos/Divaldo Pereira Franco – LEAL.

Expição

Falava como um rei da tribuna e da praça...
“Dominar ou ferir” – era em tudo o seu lema.
Entretanto, no Espaço, em desventura extrema,
Tolera a multidão que o persegue e amordaça.

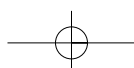
Exposto à zombaria e aos golpes de quem passa,
Ele que era o senhor da palavra suprema,
Jungido à humilhação, por mais suplique ou gema,
Ouve as acusações de inimigos em massa...

Como alguém que padece, abandonado à míngua,
Sofre as chagas da idéia e os tormentos da língua,
Rogando ao Pai de Amor lhe amenize a derrota!...

E o Senhor, em lhe ouvindo a oração dolorida,
Permite-lhe escolher outro berço e outra vida.
Ele agradece em pranto... E renasce idiota.

Valentim Magalhães

Fonte: XAVIER, Francisco C. e VIEIRA Waldo. *Antologia dos Imortais*. Poetas Diversos, 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 271-272.



A FEB E O ESPERANTO

Atualidade do ideário de Zamenhof

Affonso Soares

Reformador do mês passado dá notícia de uma fecunda iniciativa governamental com vistas à prática efetiva dos direitos humanos no delicado terreno das relações entre os adeptos de diferentes confissões religiosas, exortando os brasileiros a que sigam o caminho da paz, da harmonia, da tolerância, da fraternidade, da justiça, da vivência do amor.

Ainda hoje acham-se tais relações fortemente impregnadas por preconceitos, nascidos das interpretações sectárias que levam às discriminações, exclusões, perseguições, genocídios, enfim às diversas formas de violência, individual e social.

A iniciativa da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, consubstanciou-se na edição da cartilha *Diversidade Religiosa e Direitos Humanos* que, certamente, se inspira na verdade espiritual básica de que essencialmente todos somos iguais perante a lei divina e de que, conseqüentemente, gozamos todos do direito à liberdade de pensamento, à liberdade de consciência.

O atestado frisante de que essa verdade penetra a mais profunda essência das religiões foi expli-

tado na cartilha pela citação de princípios colhidos nos livros fundamentais de diferentes credos religiosos.

Tão feliz iniciativa de nossos governantes, a refletir a inequívoca influência das Altas Esferas diretores dos destinos espirituais do Brasil, nos conduziram, uma vez mais, a refletir sobre a grandeza espiritual daquele missionário da Fraternidade de que se chamou Lázaros Luís Zamenhof e na atualidade dos princípios que impregnam o Esperanto e os seus elevados ideais.

Ao criar o Esperanto, Zamenhof nele soprou a alma que lhe assegura vitalidade e justifica a sua finalidade no mundo. Essa alma não reside em suas indiscutivelmente geniais estruturas lingüísticas, lógicas e racionais ao máximo, mas sim naquilo que Zamenhof denominou *interna ideo* (idéia interna) e que diz respeito exatamente às relações de justiça e fraternidade que se devem estabelecer entre todos os povos, culturas, raças e religiões, reunindo-os, pelo uso de uma língua neutra, num terreno neutro em que todos se aproximem por sobre as acessórias diferenças que os caracterizam na rica diversidade da família humana.

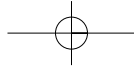
Zamenhof, com a apurada sensibilidade conferida por sua elevação moral e por sua condição de judeu, membro portanto de uma coletividade ao longo dos séculos

marcada pelos ataques da intolerância religiosa, chegou mesmo a conceber um conjunto de princípios éticos por cuja vivência as relações entre homens de diferentes nacionalidades, línguas, raças, culturas e religiões se dirijam para a fraternidade, para o respeito recíproco, em nome da igualdade essencial de todos perante as leis divinas.

Os que professem tal conjunto de princípios – a que ele deu o nome de *Homaranismo* – devem, nos seus contactos, pairar por sobre as respectivas particularidades e diferenças, olhar-se unicamente como membros da família humana, habitantes do mesmo planeta, e usar em suas comunicações o Esperanto. E, no que respeita à religião, devem adotar uma conduta que, pelo respeito recíproco aos credos de cada um, reflita os princípios do *Homaranismo* nesse terreno:

- compreender Deus como a Altíssima, Incompreensível Força que governa o mundo, cuja essência cada um tem o pleno direito de conceber segundo seu entendimento e seu coração;
- proceder para com o próximo do mesmo modo que deseja proceda o próximo para com ele.

Zamenhof ainda foi mais longe na sua nobre aspiração de unir os



membros da família humana: concebeu, certamente inspirado pela vivência em altas esferas espirituais, a construção de templos *homaranistas*, destinados a congregar aqueles cujas idéias religiosas impulsionassem ao culto da fraternidade, do amor. Tais templos se destinariam, portanto, à reunião de adeptos de todas as religiões para a prática da legítima fraternidade, aquela que desconhece divisões, separações, exclusões, discriminações, sectarismos. Até agora a Terra só abriga tais templos no mundo espiritual, como nos revela Irmão Jacob na obra *Voltei*, recebida psicograficamente por Chico Xavier e publicada pela FEB (v. *Reformador* de janeiro de 1987, p. 23 a 25).

Finalizaremos nosso artiguete, transcrevendo algumas das expressões impressas na cartilha, as quais, colhidas em diversos credos religiosos, evidenciam-lhes a unidade de vistas com respeito à liberdade de consciência:

Judaísmo – “*Em cada indivíduo, em cada povo, em cada cultura, em cada credo, existe algo que é relevante para os demais, por mais diferentes que sejam entre si. Enquanto cada grupo pretender ser o dono exclusivo da verdade, o ideal da fraternidade universal permanecerá inatingível.*”

Mahatma Gandhi – “*A regra de ouro consiste em sermos amigos do mundo e em considerarmos toda a família humana como uma só família. Quem faz distinção entre os fiéis da própria religião e os de outra, deseduca os membros da sua religião e abre caminho para o abandono, a irreligião.*”

Cosmovisão Indígena – “*Existem muitos povos, de muitas raças, falando várias línguas. Mas, para eles, só existe um sol, uma lua e uma mãe terra. Somos parte um do outro, pela vontade do Grande Espírito.*”

Igreja Metodista – “*O Supremo Senhor do Universo, que tem diferentes nomes em diferentes culturas, ama a todos. Dele emana toda a liberdade de pensamento, religião ou de consciência.*”

Hinduísmo – “*A meta última da religião é o amor. Todas as religiões e crenças são conseqüentemente válidas, e sua aceitação tem de ser baseada na liberdade e numa opção consciente e espontânea. De outra forma, a religião não teria como meta o amor.*”

Encíclica Pacem in Terris – “*Todo ser humano tem direito à liberdade de pesquisa da verdade e, dentro dos limites da ordem moral e do bem comum, à liberdade na manifestação e difusão do pensamento... Pertence igualmente aos direitos da pessoa a liberdade de prestar*

culto a Deus, de acordo com os retos ditames da própria consciência.”

Do Evangelho não podemos deixar de destacar a mais bela das exortações de Jesus à Humanidade, registrada pelo apóstolo João (13:34): “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.”

Do Espiritismo a cartilha acolheu, como destacou a notícia em *Reformador* do mês passado, a resposta que os Espíritos deram a Allan Kardec na questão nº 838 de *O Livro dos Espíritos*, onde afirmam que “*toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem.*”

E do Esperantismo citaremos o seguinte pensamento de Lázaro Luís Zamenhof, o iniciador do Esperanto: “*A idéia interna do Esperanto, que não é absolutamente obrigatória para cada esperantista em particular, mas que, como sabeis, soberanamente reina e sempre deve reinar nos congressos de Esperanto, é: sobre um fundamento lingüístico neutro eliminar as barreiras entre os homens e acostumá-los a que cada um veja no seu próximo apenas uma pessoa humana e um irmão.*” ■

Cursos na Sede Seccional da FEB em 2005

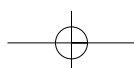
Avenida Passos, 30 – Rio de Janeiro (RJ)

Esperanto – terão início a partir deste mês, nas seguintes modalidades:

- Elementar – 4^{as} feiras – 15h45 às 17h.
- Aperfeiçoamento – 6^{as} feiras – 16h30 às 18h30.
- Estudos Doutrinários em Esperanto – 2^{as} feiras – 15h às 16h30.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – uma nova turma funcionará às 4^{as} feiras, a partir de março, no horário das 14h às 16h.

Inscrições na Secretaria da FEB, no horário comercial.



PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Tragédia no circo

Naquela noite, da época recuada de 177, o “concilium” de Lião regurgitava de povo.

Não se tratava de nenhuma das assembléias tradicionais da Gália, junto ao altar do Imperador, e sim de compacto ajuntamento.

Marco Aurélio reinava, piedoso, e, embora não houvesse lavrado qualquer rescrito em prejuízo maior dos cristãos, permitira se aplicassem na cidade, com o máximo rigor, todas as leis existentes contra eles.

A matança, por isso, perdurava, terrível.

Ninguém examinava necessidades ou condições. Mulheres e crianças, velhos e doentes, tanto quanto homens válidos e personalidades prestigiosas, que se declarassem fiéis ao Nazareno, eram detidos, torturados e eliminados sumariamente.

Através do espesso casario, a montante da confluência do Ródano e do Saône, multiplicavam-se prisões, e no sopé da encosta, mais tarde conhecida como colina de Fourvière, improvisara-se grande circo, levantando-se altas paliçadas em torno de enorme arena.

As pessoas representativas do mundo lionês eram sacrificadas no lar ou barbaramente espancadas no campo, enviando-se os desfavorecidos da fortuna, inclusive grande

massa de escravos, ao regozijo público.

As feras pareciam agora entorpecidas, após massacrarem milhares de vítimas, nas mandíbulas sanguissedentas. Em razão disso, inventavam-se tormentos novos.

Verdugos inconscientes ideavam estranhos suplícios.

Senhoras cultas e meninas ingênuas eram desprezadas antes que lhes decepassem a cabeça, anciões indefesos viam-se chicoteados até a morte. Meninos apartados do reduto familiar eram vendidos a mercadores em trânsito, para servir de alimárias domésticas em províncias distantes, e nobres senhores tombavam assassinados nas próprias vinhas.

Mais de vinte mil pessoas já haviam sido mortas.

...

Naquela noite, a que acima nos referimos, anunciou-se para o dia seguinte a chegada de Lúcio Galo, famoso cabo de guerra, que desfrutava atenções especiais do Imperador por se haver distinguido contra a usurpação do general Avídio Cássio, e que se inclinava agora a merecido repouso.

Imaginaram-se, para logo, comemorações a caráter.

Por esse motivo, enquanto lá fora se acotovelavam gladiadores e jograis, o patrício Álcio Plancus, que se dizia descendente do fundador da cidade, presidia a reunião,

a pedido do Propretor, programando os festejos.

– Além das saudações, diante dos carros que chegarão de Viena – dizia, algo tocado pelo vinho abundante –, é preciso que o circo nos dê alguma cena de exceção... O lutador Setímio poderia arregimentar os melhores homens; contudo, não bastaria renovar o quadro de atletas...

– A equipe de dançarinas nunca esteve melhor – aventou Caio Marcelino, antigo legionário da Bretanha que se enriquecera no saque.

– Sim, sim... – concordou Álcio – instruiremos Musônia para que os bailados permaneçam à altura...

– Providenciaremos um encontro de auroques – lembrou Pérsio Níger.

– Auroques! Auroques!... – clamou a turba em aprovação.

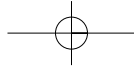
– Excelente lembrança! – falou Plancus em voz mais alta – mas, em consideração ao visitante, é imperioso acrescentar alguma novidade que Roma não conheça...

Um grito horrível nasceu da assembléia:

– Cristãos às feras! cristãos às feras!

Asserenado o vozerio, tornou o chefe do conselho:

– Isso não constitui novidade! E há desfavoráveis. Os leões recém-chegados da África estão preguiçosos...



Sorriu com malícia e chasqueou:

– Claro que surpreenderam, nos últimos dias, tentações e vianças que o próprio Lúculo jamais encontrou no conforto de sua casa...

Depois das gargalhadas gerais, Álcio continuou, irônico:

– Ouvi, porém, alguns companheiros, ainda hoje, e apresentaremos um plano que espero resulte certo. Poderíamos reunir, nesta noite, aproximadamente mil crianças e mulheres cristãs, guardando-as nos cárceres... E, amanhã, coroando as homenagens, ajuntá-las-emos na arena, molhada de resinas e devidamente cercada de farpas embebidas em óleo, deixando apenas passagem estreita para a liberação das mais fortes. Depois de mostradas festivamente em público, incendiaremos toda a área, deixando sobre elas os velhos cavalos que já não sirvam aos nossos jogos... Realmente, as chamas e as patas dos animais formarão muitos lances inéditos...

– Muito bem! Muito bem! – rugiu a multidão, de ponta a ponta do átrio.

– Urge o tempo – gritou Planus – e precisamos do concurso de todos... Não possuímos guardas suficientes...

E erguendo ainda mais o tom de voz:

– Levante a mão direita quem esteja disposto a cooperar.

Centenas de circunstâncias, incluindo mulheres robustas, mostraram destra ao alto, aplaudindo em delírio.

Encorajado pelo entusiasmo geral, e desejando distribuir a tarefa com todos os voluntários, o diri-

gente da noite enunciou, sarcástico e inflexível:

– Cada um de nós traga um... Essas pragas jazem escondidas por toda a parte... Caçá-las e exterminá-las é o serviço da hora...

Durante a noite inteira, mais de mil pessoas, ávidas de crueldade, vasculharam residências humildes e, no dia subsequente, ao Sol vivo da tarde, largas filas de mulheres e criancinhas, em gritos e lágrimas, no fim de soberbo espetáculo, encontraram a morte, queimadas nas chamas alteadas ao sopro do vento, ou despedaçadas pelos cavalos em correria.

...

Quase dezoito séculos passaram sobre o tenebroso acontecimento... Entretanto, a justiça da Lei, através da reencarnação, reaproximou todos os responsáveis, que, em diversas posições de idade física, se reuniram de novo para dolorosa expiação, a 17 de dezembro de 1961, na cidade brasileira de Niterói, em comovedora tragédia num circo.

Irmão X

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Cartas e Crônicas*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 6, p. 29-33.



RETORNO À PÁTRIA ESPIRITUAL

Octávio Velloso da Silva

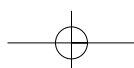
Desencarnou no Rio de Janeiro (RJ), em 31 de dezembro de 2004, o confrade Octávio Velloso da Silva, cuja vida profissional esteve ligada por 47 anos ao Departamento Editorial e Gráfico da Federação Espírita Brasileira, onde serviu com competência e grande dedicação.

Octávio ingressou no quadro de funcionários da FEB em 1º de março de 1950, na função de Aprendiz de Encadernação, passando, após 8 meses, para Auxiliar de Composição, tendo trabalhado nas administrações dos Presidentes Antônio Wantuil de Freitas, Armando de Oliveira Assis, Francisco Thiesen e Juvanir Borges de Souza. No início da gestão de Francisco Thie-

sen, respondeu pela edição de *Reformador* até que Indalício Mendes assumisse a coordenação da revista. Seu nome nunca apareceu no Expediente: destituído de vaidade, interessava-lhe somente colaborar da melhor forma possível. Em 1997, transferiu-se para a gráfica do Centro Espírita Léon Denis, em Bento Ribeiro.

O sepultamento de seu corpo ocorreu no Cemitério do Irajá, com a presença de familiares, inúmeros confrades e amigos.

A FEB rende sua homenagem e reconhecimento ao dedicado servidor Octávio Velloso da Silva, rogando para ele as bênçãos de Jesus, nesse seu retorno à Pátria Espiritual. ■



Em dia com o Espiritismo



Marta Antunes Moura



O planeta Saturno e as suas Luas

Nos tempos atuais, a Humanidade alimenta fortes expectativas sobre a existência de planetas habitados. Pesquisas científicas e tecnológicas estão produzindo equipamentos e artefatos de alta tecnologia, os quais, ao serem enviados aos planetas do Sistema Solar, são programados para detectar, entre outros, indícios de vida extraterrestre. A seguinte notícia confirma estas informações:

“Depois de sete anos de viagem e um percurso de 2,1 bilhões de quilômetros a bordo da nave-mãe Cassini, a sonda Huygens pousou na superfície de Titã, a maior das luas do planeta Saturno, na sexta-feira passada. (...) Os cientistas supõem que Titã seja muito parecida com o nosso planeta há 4,5 bilhões de anos.” (Revista *Veja*, edição 1.888, ano 38, nº 3, 19 de janeiro de 2005.)

Para o Espiritismo, porém, a vida inteligente, em outros mundos, é uma certeza: *“A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.”* (Allan Kardec: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, item 2, Ed. FEB.)

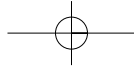
Em razão das informações e imagens que a sonda Huygens está remetendo à Terra, parece-nos oportuno fazer alguns registros sobre o planeta Saturno e os seus satélites.

Saturno é designado, em grego, pelo nome de *Cronos*, que quer dizer *o tempo*, representado como um velho curvado sob o peso dos anos, tendo na mão esquerda uma foice para mostrar que preside ao tempo. O planeta é conhecido há séculos pelas antigas civilizações. Galileu Galilei foi o primeiro astrônomo a

observar o sistema de anéis de Saturno, em 1610. Huygens descobriu a lua Titã deste planeta, considerada a segunda maior lua do Sistema Solar. Saturno é o sexto planeta a partir do Sol e o segundo maior no Sistema Solar. O seu dia tem duração de 10 horas e 39 minutos, e demora cerca de 29,5 anos terrestres para dar a volta ao Sol.

Três sondas americanas, além da sonda Huygens, passaram por Saturno. A primeira foi a Pioneer 11, em setembro de 1979, enviando as primeiras imagens do planeta. Ao aproximar-se do planeta, percebeu-se que o número de anéis era maior. Em novembro de 1980, a Voyager 1 enviou fotografias de boa precisão, transmitindo detalhes do sistema de anéis e luas de Saturno. Em agosto de 1981, a Voyager 2 passou pelo planeta e suas luas.

A Doutrina Espírita nos esclarece que *“além de seus satélites ou*



luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma auréola branca. Esse anel é, com efeito, o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno, ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se formou, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e pode, dessa maneira, continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.” (Allan Kardec: A Gênese, cap. VI, item 27, Ed. FEB.)

As análises feitas pelas naves que passaram por Saturno constataram que as partículas dos anéis são compostas principalmente de gelo e uma mistura de rocha e gelo. O intenso campo gravitacional de Saturno e dos seus satélites, não permite que a posição dessas partículas seja alterada.

Nota-se, em Saturno, um achatamento nos pólos, característica de planetas gasosos, e resultado de rotação rápida. O mesmo fenômeno é observado em Júpiter, Netuno e Urano, que são também planetas gasosos. O gás predominante em Saturno é o hidrogênio (97% de hidrogênio, 3% de hélio, 0,05% de

metano), que associado aos fortes ventos (de 500 a 1.700km/h) existentes na superfície, produzem uma atmosfera etérea no Planeta, de rara beleza, cuja imagem foi captada pelo telescópio Hubble.

O hidrogênio da região central de Saturno encontra-se no estado líquido e sob grande pressão, tornando-se um condutor elétrico que garante, provavelmente, o intenso campo magnético do planeta. Acima da região central, encontramos a camada de hidrogênio na forma gasosa.

As Luas de Saturno

Supõe-se a existência de 30 luas, confirmadas, porém, são 18: *Pan, Atlas, Prometeu, Pandora, Epimeteu, Jano, Mimas, Encelado, Tétis, Telesto, Calipso, Dione, Helena, Rea, Titan (Titã), Hiperion, Japeto, Febe*. O diâmetro delas varia de 5.150 quilômetros até 10 quilômetros. A imagem da página anterior (p. 34), mostra o tamanho das luas dentro da escala.

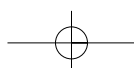
Em 14 de janeiro último, a sonda Huygens pousou na superfície de Titã, a maior das luas de Saturno, e a que possui atmosfera. A missão foi

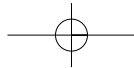
considerada um sucesso pela ESA (Agência Espacial Européia). Trata-se de um feito histórico, de significativo valor, por ser o primeiro artefato humano que pousa numa lua que não seja a da Terra. Os cientistas estão eufóricos. Os primeiros dados transmitidos pela sonda são relativos à temperatura da atmosfera do satélite. A ESA não divulgou conclusões sobre estas informações. O que já se sabia é que a temperatura em Titã gira em torno de 180°C negativos. Os controladores da missão ainda não sabem se a sonda pousou em pedra, gelo composto pelo gás metano ou um oceano de elementos químicos. Titã é coberta por uma espécie de névoa alaranjada densa que dificulta a identificação do relevo da superfície. Estimase que a sonda tire um total de 750 fotos durante a sua jornada. Giménez Cañete, um dos cientistas da Missão, disse que “se tem a sensação de que a sonda aterrisou em areia molhada, em uma superfície formada por uma cortiça mais dura sob a qual há algo mais suave”. O site da NASA fornece maiores detalhes: <http://saturn.jpl.nasa.gov/home/index.cfm> ■

A propósito, o Espírito Emmanuel nos ensina que *o orbe terreno não está alheio ao concerto universal de todos os sóis e de todas as esferas que povoam o Ilimitado; parte integrante da infinita comunidade dos mundos, a Terra conhecerá as alegrias perfeitas da harmonia da vida.*

(...) A Terra é, pois, componente da sociedade dos mundos. Assim como Marte ou Saturno já atingiram um estado mais avançado em conhecimentos, melhorando as condições de suas coletividades, o vosso orbe tem, igualmente, o dever de melhorar-se, avançando, pelo aperfeiçoamento das suas leis, para um estágio superior, no quadro universal.

(XAVIER, Francisco C. *Emmanuel*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, *A tarefa dos guias Espirituais*, p. 17-19.)





Os maremotos na Ásia

Celso Martins

Como se não bastassem as sangrentas batalhas no Oriente Médio, a epidemia da SIDA [AIDS] na África, as escaramuças entre policiais e traficantes de drogas no Brasil, o finalzinho de 2004 assistiu ao desastre provocado de modo terrivelmente dantesco na Ásia quando o mar matou milhares de pessoas, muitas delas, em estação de veraneio num dos mais lindos recantos do mundo.

O Espiritismo desde 1857, quando do lançamento da 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* em Paris, por abnegada tarefa de um professor que se deu a si o nome literário de Allan Kardec (1804-1869), já explicava o motivo de as Leis Divinas, que regem os destinos dos homens em particular e dos povos em geral, permitirem tantas mortes coletivas.

Não é o homem na Terra apenas um amontoado de carne e de ossos. Não. O corpo físico é apenas uma tosca mas utilíssima vestimenta de que o Espírito se reveste em caráter transitório, para que ele mesmo possa construir o seu castelo de venturas a que está, queira ou não queira, destinado possuir por toda a Eternidade. Todos nós, sem exceção, somos herdeiros de Deus.

Um dia, todos nós, sem exceção, ao findar esta esteira longa de existências orgânicas, na Terra e em outros orbes que rolam pela vastidão do Universo, seremos felizes, com maior sabedoria e maior conhecimento. Uns chegam a este glorioso destino porque sabem ser prudentes e buscam cumprir com os seus deveres de Fraternidade. Galgam com mais rapidez situações mais venturosas.

**Deus a ninguém
pune e a ninguém
concede
prêmios**

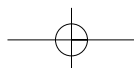
Outros levam mais tempo nesta jornada porque primaram por ser egoístas, orgulhosos, cheios de preconceitos, deleitando-se nas delícias dos prazeres do sexo desvaireado, dos gozos do estômago empanurrado de alimentos impróprios, regados a vinhos capitosos, ou ainda se entregam aos desmandos do poder político, militar e até mesmo religioso. Como violamos tanto as Leis Divinas!

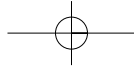
A Doutrina Espírita, sabendo que cada um está num degrau dessa infinida escada de Jacob, respeitando as demais religiões, deixa claro que a Vida reúne no lar antigos desafetos para que agora desman-

chem as algemas do ódio transformando-as em suaves laços de Amor. De igual maneira, a mesma Vida coloca no mesmo barco, que vai ao fundo do mar, no furor da tempestade, aqueles que, antes, foram piratas sanguinários. Da mesma forma coloca juntos em um circo em chamas, como se deu em Niterói, no Rio de Janeiro, em fins de 1961, aqueles mesmos Espíritos que na Idade Média mataram cristãos numa fogueira, onde havia velhos cavalos que, assustados pelas chamas, despedaçavam-nos. Tanto como em 1956, nas enchentes de Passa-Quatro, em Minas Gerais, morria uma pobre mãe de família exatamente um século decorrido de quando aquele mesmo Espírito matava sem dó, lançando ao rio, uma escrava que dera à luz dois meninos que eram filhos de seu herdeiro, de instintos sexuais selvagens.

Deus a ninguém pune e a ninguém concede prêmios. Apenas em sua Sabedoria e Misericórdia estabelece Leis. Quem a elas obedece, é feliz. Quem não as observa sofre o acicate da dor. E este seu sofrimento não é meramente punitivo. Não. É ele didaticamente educativo. A consciência individual se libera de um débito anterior e prossegue decididamente seu destino glorioso.

Assim, como espíritas, sofrendo as agruras de nossos irmãos, sem esquecer dos sem-terra no Brasil, dos famintos do Nordeste, dos desempregados nas grandes cidades,





das crianças de rua, oramos a Deus que sensibilize o coração dos que estão promovendo as guerras na Colômbia, no Afeganistão, no Iraque, no bem perto de nós, o Haiti.

Assim como o chinelo velho vai para o lixo, e seu dono coloca um par de botas de couro, e entra na mata sem medo da peçonha das cobras, o Espírito, uma vez paga a sua dívida moral para com a sua consciência, depois de devidamente socorrido e esclarecido no mundo espiritual, volta ao corpo orgânico, na bênção de uma nova exis-

tência somática para prosseguir ao lado de amigos, e mesmo de antigos rivais, para a frente e para o alto. E caso eu ou você tenhamos que enfrentar estas horas dolorosas recordemos-nos das palavras de Jesus quando dizia que Ele estaria conosco por todo o sempre. Conosco Ele jamais deixou de estar. Nós, querendo isto, aquilo e aquilo mais apenas para nós, pisando esperanças, massacrando corações é que construímos tantas dificuldades. Porém delas sairemos construindo um mundo melhor, erguendo uma Humanidade mais feliz! ■

tudo, exemplificar, como afirmava Sêneca: “É longa a estrada dos preceitos; a dos exemplos é breve e mais segura.” Palavras sábias essas, baseadas no provérbio latino: “As palavras comovem, os exemplos arrastam.” E François de Fénelon acrescentava: “O preceito é uma instrução escrita na areia. Cobre-a a maré e a escrita desaparece. O exemplo, porém, é uma instrução gravada na rocha: é uma lição que não se esquece facilmente.”

Quanto a isso, o Espiritismo é bem claro quando nos ensina ser o educando um ser espiritual, uma criação divina, vivendo ora no corpo físico ora no plano espiritual, prosseguindo, lá ou cá, o seu aperfeiçoamento, até atingir a condição de eterna felicidade. Portanto, para nós, espíritistas, a educação deve ter, como principal finalidade, o progresso espiritual do ser humano, baseado nos conceitos de vida eterna. Assim sendo, devemos inculcar, na mente do educando, a necessidade de saber qual sua origem e destinação, isto é, de onde veio e para onde vai, já que a educação não se inicia no berço nem finda na sepultura, antecede ao nascimento e prossegue após a morte do corpo físico.

Desta forma, educar não é, somente, oferecer ao educando conhecimentos culturais aprofundados. Educar, é, sobretudo, envolver o aluno numa atmosfera salutar, ministrando-lhe ensinamentos e práticas do amor ao próximo, respeito à vida e fé em Deus, coisas que a Doutrina Espírita faz através dos Departamentos de Infância e Juventude, que todo Centro Espírita bem orientando deve possuir. ■

Educar com amor

Rildo G. Mouta

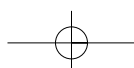
O célebre filósofo alemão Kant (1724-1804), autor da famosa obra *Crítica da Razão Pura*, considerava a Educação como o maior e mais difícil problema que pode ser apresentado ao homem.

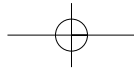
Por sua vez, um outro sábio pensador, Ruskin, dizia que educar “não é fazer o povo saber o que não sabe; é ensiná-lo a portar-se como não se porta”.

Daí entendermos ser o problema da educação muito mais profundo do que se pensa, encarando-o, nós, os espíritistas, com a maior e mais séria responsabilidade, porque, sendo o amor a lei da vida, as realizações humanas ou espirituais, que visam nos elevar a Deus, o eterno Bem – entre elas a educação –

objetivam, principalmente, o ser espiritual que somos. Sabendo, aqui, as palavras do conhecido educador espírita Léon Denis, na obra *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, cap. XXV, p. 364-365: “O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus mais eficazmente atua no mundo.” A respeito, é ainda Léon Denis que nos afirma: “(...) Jesus passou pouco tempo na Terra; foram bastantes três anos de evangelização para que seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela Ciência nem pela arte oratória que ele seduziu e cativou as multidões; foi pelo amor! Desde sua morte, seu amor ficou no mundo como um foco sempre vivo, sempre ardente.”

Educar, portanto, é, acima de





Repensando Kardec

Da Lei de Destruição

(O Livro dos Espíritos, questões 728 a 765)

Inaldo Lacerda Lima

Trinta e oito questões são respondidas pelos Espíritos Reveladores neste capítulo que trata da **Lei de Destruição**, envolvendo *destruição necessária e destruição abusiva, flagelos destruídos, guerras, assassinio, crueldade, duelo e pena de morte*, sobre os quais oferece o Mundo Maior tudo o que o homem precisa conhecer, e sua responsabilidade em todos esses processos, objetivando fazê-lo sentir que não é Deus que os determina, e que a solução dos problemas gerados com a angústia e a aflição está em nós mesmos.

O espírita estudioso já o sabe, mas aguarda com fé e esperança o instante em que todos os homens terão oportunidade de perceber que muita coisa já mudou para melhor, em função de algum progresso alcançado, pois quanto maior é o desenvolvimento moral da Humanidade, maiores e melhores se farão as condições de bem-estar social para todos. Nesse dia terão todos os homens enxergado ser efetivamente Deus, nosso Pai, o Criador de todo

o Universo e reconhecendo a Doutrina Espírita como o Consolador prometido por Jesus para confirmar o seu Evangelho e testemunhar as Verdades eternas, como o vem fazendo.

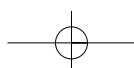
Destruição necessária e destruição abusiva: Envolve as questões 728 a 736 de *O Livro dos Espíritos*. O Codificador inicia o assunto perguntando se “é lei da Natureza a destruição”. E sabiamente respondem os Espíritos: “*Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar.*” Esclarecem que aquilo que chamamos destruição é, na verdade, transformação, visando à renovação e melhoria dos seres criados para viverem e progredirem, incessantemente.

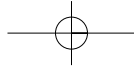
Para isso, cerca a Natureza todos os seres dos meios necessários à sua preservação e conservação “*a fim de que a destruição não se dê antes do tempo*”. E por que os Espíritos do Mundo Maior dão essa resposta à questão 729? Justamente para que se compreenda que “*toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente*”, o que demonstra a sabedoria divina em favor de suas criaturas!

Em seguida (questão 730), Allan Kardec procura saber dos Espíritos: Já que a morte tende a nos promover a uma vida melhor, por que há no homem sempre um horror instintivo a ela? E eles, respondendo, fazem-nos entender que, de outro modo, o homem não valorizaria tanto a vida, entregando-se ao desânimo. Desse modo, “*a voz íntima, que o induz a repelir a morte*”, capacita-o a realizar alguma coisa a mais por um venturoso progresso.

Todavia, o Codificador, aprofundando o assunto, quer saber (questão 731) a razão pela qual, ao lado dos meios de conservação, colocou a Natureza seus agentes de destruição. Vejamos, na sutileza da resposta, a profundidade do ensino: “*É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.*”

À pergunta seguinte, se “será idêntica, em todos os mundos, a necessidade de destruição”, respondem os Espíritos que “*guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos*”, cessando quando os estados físico e moral se acham mais ou menos depurados. Concluindo, dizem que “*muito diversas são as condições de existência nos mundos mais adiantados do*





que o vosso”. E refletimos: Que bom quando estiverem os homens em condição de se impulsionarem, todos, à prática do Bem de que, em sua maioria, já são muitas vezes capazes!

Envolvidos nessa reflexão de esperança, tentamos aglutinar as questões finais (733 a 736), sobre se existirá sempre na Terra a necessidade de destruição, o que a consciência nos alerta com a resposta dos Espíritos Reveladores: *“Essa necessidade se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria”*.

Aliás, os quadros de dor ocorridos presentemente no mundo demonstram, de certo modo, uma repulsa das sociedades cristãs contra o mal, configurando um bom desenvolvimento intelectual e moral.

A partir da questão em que Allan Kardec se refere ao caso da destruição de nossos irmãos irracionais, indagando se nesse sentido há no homem um direito ilimitado, respondem os Benfeitores espirituais que *“tal direito se acha regulado pela necessidade, que ele tem, de prover ao seu sustento e à sua segurança”*. Todavia, dentro da mesma resposta, sobressai uma advertência óbvia: *“O abuso jamais constituiu direito.”*

E quanto à ultrapassagem desses limites, exemplificando a caça apenas por prazer ou diversão (questão 735), a resposta dos Espíritos Reveladores é bastante disciplinadora: *“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus.”* Fazem-nos ver, numa comparação entre a ação do animal e o abuso do homem, quan-

to este cede ainda aos maus instintos!

A questão 736 conclui o assunto, salientando o pouco merecimento dos povos que levam ao excesso o escrúpulo quanto à destruição dos animais, em face dos abusos outros que têm por fundamento *“mais temor supersticioso do que verdadeira bondade”*.

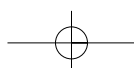
Flagelos destruidores: Pergunta o Codificador (questão 737): *“Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores?”* Em resposta ao Codificador, fazem-nos compreender os Espíritos Superiores que não devemos ver nesses fatos uma maldade do Criador, mas processos pelos quais o homem é levado a progredir mais depressa, regenerando-se moralmente, diante de experiências que dele exigirão mais estudos e pesquisas.

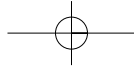
“Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem”

Na questão 738, Allan Kardec indaga: *“Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?”* E os Espíritos respondem que *sim*, e que Deus *“os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se*

aproveita desses meios”. E acrescentam: *“Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.”* Ao lembrar-lhes que, desse modo, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso, indaga: *“Será justo isso?”* Respondem as Entidades que uma coisa é a visão do homem na carne, outra é a sua observação dos fatos depois da morte física. É uma resposta em cuja análise consumiríamos páginas e páginas de acurada reflexão! Deixamos aos cuidados do leitor refletir bem e por inteiro, principalmente sobre o comentário de Kardec ao final da referida questão.

Tentemos resumir as questões finais do assunto, com o Codificador, numa única reflexão filosófica, começando por: *“Dado é ao homem conjurar [prevenir] os flagelos que o afligem?”* Os sábios Espíritos acham que: *“Em parte, é; não, porém, como geralmente o entendem”*. Pois, *“muitos flagelos resultam da imprevidência do homem.”* Seus conhecimentos e experiências lhe permitiriam prevenir e até mesmo evitá-los, mas prevalecem, nele, às vezes, o orgulho, a ambição desmedida e o egoísmo, quais sejam aqueles eventos flageladores que decorrem dos descuidos em relação ao respeito devidos à Natureza. Outros há, porém, dentre os que afligem à Humanidade, *“que estão nos decretos da Providência”* e visam ao progresso, à regeneração, ao desenvolvimento da Ciência; que não há como o homem se lhes opor, tais como a peste, a fome, as inundações, as intempéries, mas que lhe permitem descobrir os meios de superá-los, científica e moralmente, através – afirmamos – de uma polí-





tica de fraternidade, aliando-se à caridade o respeito para com os semelhantes, independentemente de religião, línguas e particularidades outras...

Guerras: Este é outro aspecto da *lei de destruição* que, infelizmente, não nos cabe ignorar, porquanto é uma catástrofe conflitual totalmente oriunda do egoísmo e da ignorância a respeito de Deus. A guerra ainda malsina a Humanidade e tem fundamento no ódio, como típico flagelo de ordem moral.

O assunto envolve as questões 742 a 745. Para os Espíritos, as guerras representam “predominância da natureza animal sobre a espiritual e transbordamento das paixões”. O Mundo Maior ou dos Espíritos Superiores considera que com o progresso elas se irão tornando menos freqüentes, devendo extinguir-se definitivamente um dia! Em resposta à questão 743, eles confirmam que a guerra desaparecerá, sim, “quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus”. Ora, a lei de Deus está plenamente expressa no Evangelho, que dá aos homens esse entendimento: “Nessa época, todos os povos serão irmãos.”

Mas, Allan Kardec faz essa indagação aparentemente estranha: “Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?” E os Espíritos Reveladores oferecem a resposta: “A liberdade e o progresso.” Todavia, aqui seríamos nós, articulista, que estranharíamos tal resposta, não houvesse o Codificador, a respeito, inquirido de modo muito inteligente os Espíritos Superiores, fazendo-lhes ver a dificuldade

de entender liberdade com escravidão. Ao que esclarecem ser temporária a escravidão, a qual fará os povos progredirem mais rapidamente.

O assunto é concluído com explicação dos Espíritos, fazendo-nos ver a grande culpa daquele que suscita a guerra em proveito seu. Informam, então, que “*muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassinios de que haja sido causa*”.

Assassínio: O esclarecimento inicia-se em função da questão 746: “É crime aos olhos de Deus o assassinio?” E a resposta é imediata e incisiva: “*Grande crime, pois que aquele que tira a vida ao seu semelhante corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Aí é que está o mal.*” A resposta à questão 747 – “É sempre do mesmo grau a culpabilidade em todos os casos de assassinio?” – é a seguinte: “*Já o temos dito: Deus é justo, julga mais pela intenção do que pelo fato.*” Acerca da questão 748 – se o assassinato ocorre em caso de legítima defesa, escusa Deus o assassinio? –, a resposta é objetiva: “*Só a necessidade o pode escusar. Mas desde que o agredido possa preservar sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo.*” Isto é, deve evitar o assassinio.

A questão 750 aprofunda um pouco o assunto em análise: “Qual o mais condenável aos olhos de Deus, o parricídio [assassinio do pai pelo filho] ou o infanticídio [assassinio do filho pelo pai]?” E respondem os desvelados colaboradores do Cristo: “*Ambos o são igualmente, porque todo crime é um crime.*”

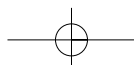
Allan Kardec encerra o assunto (questão 751) solicitando explica-

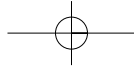
ção para o fato de entre alguns povos ser consagrada, em sua legislação, a permissão do infanticídio. E os amigos do Mundo Maior esclarecem que “*o desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem*”. Em conclusão, assinalamos uma observação comum ainda, no mundo atual, em que tantas pessoas inteligentes, e de notório saber, proclamam (quando não exigem) em certos meios a prática do aborto, sob determinados argumentos que, em verdade, nunca satisfazem à razão!

Crueldade: É preocupante que este termo seja típico de um capítulo que trata da *lei de destruição*. Donde a indagação do Codificador, em sua primeira questão (752) – “Poder-se-á ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?” Os Espíritos incumbidos da revelação das verdades eternas o confirmam: “*É o instinto de destruição no que tem de pior, porquanto, se, algumas vezes, a destruição constitui uma necessidade, com a crueldade jamais se dá o mesmo. Ela resulta sempre de uma natureza má.*”

A propósito, acabamos de presenciar, pela televisão, casos típicos de crueldade, no Iraque, com o assassinio de crianças; ao mesmo tempo que o vídeo assinalava exemplos de um ódio milenar entre aqueles povos, com destruições dentro da própria cidade de Jerusalém. Desde a Mesopotâmia até o norte da Arábia, desenvolveu-se a História do Cristianismo.

Da resposta do Mundo Maior à questão 753, sobre a crueldade dominante nos povos primitivos, fixamo-nos no trecho que explica: “*(...) os povos de imperfeito desen-*





vvolvimento se conservam sob o império de Espíritos também imperfeitos, que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir ou enfraquecer essa influência.”

Nas questões seguintes (754 a 756), os Espíritos do Senhor fazem-nos compreender, em face das indagações de Kardec, sobre se tal crueldade não deriva simplesmente da carência de senso moral, replicam: *“Dize – da falta de desenvolvimento do senso moral; não digas da carência, porquanto o senso moral já existe (...)”*. Logo, tal senso existe, mas, por instinto, fazem questão de manter-se arraigados a um costume primitivo. Reflitamos sobre este trecho do comentário do Codificador: *“A sobreexcitação dos instintos materiais abafa, por assim dizer, o senso moral (...)”*.

Realmente, é de estranhar (questão 755) que, no seio da mais adiantada civilização, encontrem-se seres muitas vezes bem mais cruéis que os selvagens! A resposta dada pelos Espíritos Reveladores leva este autor a refletir sobre o que pôde testemunhar, durante o tempo em que, na FUNAI – Fundação Nacional do Índio –, serviu como pedagogo, em seu Departamento de Educação, nunca tendo tido oportunidade de observar, lá, entre os indígenas do Xingu, do Bananal, mesmo entre as tribos mais atrasadas, na região do Pico da Neblina, chacinhas tão cruéis quais as que vimos acompanhando nas regiões milenárias por onde, um dia, a passos de amor peregrinou o Cristo de Deus!

Felizmente, podemos concluir, com Kardec e os amigos da Espiritualidade, que a Humanidade progride efetivamente. E todos aqueles

que se manifestam deslocados entre as pessoas de bem serão naturalmente expurgados para mundos ainda primitivos, em cujos meios deverão despertar, finalmente, para a verdadeira destinação com que Deus os fez nascer, colocando à disposição dos seres desses mundos os conhecimentos de que são possuidores, e libertando-se dos maus costumes que os levaram à atual situação.

Duelo: Este é um assunto cuja característica efetiva, pela graça divina, já não existe, pelo menos de cunho aceitável pelas sociedades. É aqui registrado somente por ter-se verificado uma que outra manifestação desse mal ao tempo de nosso Codificador. Em resposta à questão 757, os Espíritos testemunham que não se tratava de um ato de legítima defesa, mas de assassinio mesmo, um costume digno dos bárbaros. Para aqueles que, mesmo reconhecendo a sua fraqueza, mas por orgulho, tinham que enfrentar um adversário muitas vezes treinado para matar, era um ato típico de suicídio.

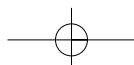
Acabou, em face do progresso, tamanho barbarismo, misto de covardia, orgulho e vaidade. Covardia do que conhecia a fraqueza do outro; orgulho e vaidade do que, mesmo reconhecendo sua fraqueza e imperícia, enfrentava um assassino, suicidando-se.

Pena de morte: *“Incontestavelmente desaparecerá [algum dia da legislação humana] e a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade”* – afirmam nossos Benfeitores espirituais logo no início da resposta à questão 760.

De fato, as questões 761 a 765, de nosso inspirado Allan Kardec levam os Espíritos Reveladores a confirmar o que já começamos a observar nas legislações de diversos países, mormente em nossa civilização brasileira, embora tramitem no Congresso Nacional projetos de emendas constitucionais no sentido de instituir a pena de morte no Brasil.

Não obstante a existência, em algumas partes do Planeta, os Espíritos Superiores afirmam que *“é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento”*. E a pena de morte realmente fecha essa porta! Ainda na questão 762, o Codificador expressa o termo *“necessidade”*. E respondem os Espíritos: *“Necessidade não é o termo.”* E elucidam que *“o homem julga necessária uma coisa, sempre que não descobre outra melhor”*. Mas, por evolução, chegará toda a Humanidade à compreensão correta de separar aquilo que é justo daquilo que é injusto.

À luz de tudo o que se encontra em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, incumbe a nós, os espíritas, o dever e a virtude de exemplificar para o mundo o nosso respeito ao Evangelho, vivenciando-o quanto possível, porquanto tudo o que de desesperador e destrutivo observamos no cenário do mundo, parece-nos confirmar que o Planeta está efetivamente em transformação. Guardemos, pois, nossa fidelidade ao Cristo, confiando nas palavras de Erasto, no item 4 do cap. XX de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, sobre a Missão dos Espíritas. Este deverá ser o milênio de nossa regeneração planetária. ■



SEARA ESPÍRITA

Maranhão: Confraternização Espírita

A Federação Espírita do Maranhão promoveu no período de 5 a 8 de fevereiro a 25ª Confraternização Espírita do Maranhão (CONESMA), em São Luís, no Campus da Universidade Federal do Maranhão. O tema *Atualidade do Movimento Espírita* foi desenvolvido através de palestras, seminários e mesas-redondas. Atuaram como expositores: Marcel Mariano (BA), Luciano Klein Filho (CE) e Geraldo Guimarães (RJ).

Realizou-se, paralelamente, o 25º Encontro de Jovens Espíritas do Maranhão (EJEM), com o mesmo tema, discutido por meio de grupos de estudo e centro de interesse.

Santa Catarina: Jornada Espírita

A Federação Espírita Catarinense realizou, através do Conselho Regional Espírita da 13ª Região (CRE 13), a 16ª Jornada Espírita, no período de 2 a 23 de janeiro, nas cidades Balneário Camboriú, Navegantes e Piçarras, com uma programação de palestras e seminários por cerca de 25 expositores, dentre os quais Sandra Della Pola (RS), Jason de Camargo (RS), Francisco Ferraz Batista (PR), Miguel de Jesus Sardano (SP) e Heloisa Pires (SP). A Jornada foi criada com o objetivo de divulgar a Doutrina Espírita na região litorânea catarinense, muito freqüentada por turistas oriundos de diversos Estados brasileiros e de vários países.

Portugal: Defesa da Vida

A Federação Espírita Portuguesa já começou a enviar para os Centros Espíritas de Portugal os prospectos “Em defesa da Vida”, parte da campanha que está promovendo para esclarecer quanto às consequências do aborto delituoso. As instituições espíritas estão sendo mobilizadas para distribuir mais de cinquenta mil folhetos. Endereço da FEP: Casal de Cascais, lote 4 R/C – Alto da Damaia – 2720 Amadora – Portugal.

Porto Seguro (BA): Jornada Espírita

O Centro Espírita Porto da Paz apresenta, no período de 28 de abril a 1º de maio próximos, a X Jornada Espírita de Porto Seguro. O local é o Centro de Con-

venções e o tema – *Vida: Desafios e Soluções*. Confirmaram presença os oradores Divaldo Pereira Franco (BA), José Raul Teixeira (RJ) e Marcel Mariano (BA).

Rio de Janeiro (RJ): Espiritismo no BarraShopping

Todas as quartas-feiras, o BarraShopping, o maior *shopping center* do Estado do Rio de Janeiro, abre as portas de seu centro ecumênico para os interessados no estudo do Espiritismo. São realizadas palestras em quatro horários, coordenadas por instituições espíritas da Zona Oeste carioca. Começa às 10h30, com palestra dirigida pela Casa Espírita Eurípedes Barsanulfo, de Jacarepaguá; às 14 horas, assume a tarefa o Centro de Educação e Orientação Espírita Jesus Gonçalves, de Taquara; às 16h15 e às 20 horas, os estudos são dirigidos pelo Centro Espírita Maria Angélica, do Recreio dos Bandeirantes. (SEI.)

Dinamarca: Seminário sobre o Passe

O Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec (GEEAK), de Copenhague, formado por um grupo de brasileiros, promoveu, com grande êxito, o 1º Seminário sobre o Passe, no dia 20 de novembro de 2004. O evento proporcionou aos participantes amplo conhecimento sobre o assunto.

Campos (RJ): Espiritismo e o Direito

Promovido pela Liga Espírita de Campos, realizou-se naquela cidade, no dia 27 de novembro de 2004, o 2º Encontro Norte Fluminense da Doutrina Espírita com o Direito, no Auditório da Faculdade de Direito de Campos. Foram expositores do evento: Hélio Ribeiro Loureiro, Presidente da FEERJ, Júlia Nezu, da USE/São Paulo, e o Ministro Waldemar Zveiter.

Bolívia: Evangelho no Lar

A Federação Espírita Boliviana (FEBOL) está promovendo uma campanha de âmbito nacional para incentivar o Culto do Evangelho no Lar, com o *slogan* “A paz começa no lar”. A iniciativa abrange as principais cidades bolivianas, onde são distribuídos, gratuitamente, folhetos explicativos com o título *Jesus contigo*, os quais poderão ser encontrados nos Centros Espíritas ou na FEBOL.